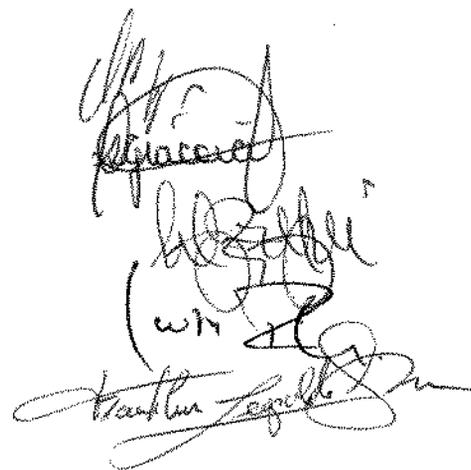


Cláudio Eduardo Muller Banzato

**Naturalismo na
metapsicologia freudiana**

Tese de doutorado apresentada ao
Departamento de Filosofia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob a
orientação do Prof. Dr. Osmyr
Faria Gabbi Jr.

Campinas - São Paulo
Março / 1997

The image shows several handwritten signatures and initials in black ink. At the top is a signature that appears to be 'Cláudio Eduardo Muller Banzato'. Below it are several other signatures, including one that looks like 'Osmyr Faria Gabbi Jr.' and another that is more stylized and illegible. There are also some initials and scribbles scattered around the signatures.

B228n

30998/BC

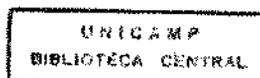
Cláudio Eduardo Muller Banzato

**Naturalismo na
metapsicologia freudiana**

Tese de doutorado apresentada ao
Departamento de Filosofia do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas,
sob a orientação do Prof. Dr. Osmyr
Faria Gabbi Jr.

Este exemplar corresponde à redação
da tese defendida e aprovada pela
comissão julgadora em R. / 96 / 27

Campinas - São Paulo
Março / 1997



1178046

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	B228n
V. Ex.	
TOMBO BC/	30998
PROC.	281197
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$11,00
DATA	09/04/97
N.º CPD	

CM-00098927-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

B 228n

Banzato, Cláudio Eduardo Muller
Naturalismo na metapsicologia freudiana / Cláudio
Eduardo Muller Banzato . - - Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador: Osmyr Faria Gabbi Jr.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Metapsicologia. 2. Representação (Filosofia)
3. Consciência. 4. Naturalismo. I. Gabbi Junior, Osmyr
Faria, 1950 - II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Agradecimentos

Agradeço ao *Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Jr.* e ao *Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Moura*, leitores atentos de uma versão preliminar desta tese, pelos comentários que seguramente contribuíram para minimizar seus problemas.

Devo mencionar também o apoio indispensável do **CNPq** à realização da pesquisa, através da concessão de bolsa durante todo seu período de elaboração.

Em especial, agradeço ao estimado amigo e orientador *Osmyr*, pelo acompanhamento próximo, isto é, pela leitura crítica das sucessivas versões e pelas inúmeras sugestões apresentadas. Compartilho com ele os eventuais acertos desta tese, mas assumo por completo as falhas remanescentes.

Por fim, expresso minha terna gratidão à *Ana Vitória*, pelo suporte contínuo e amor incondicional. A ela o trabalho é dedicado.

Índice

Introdução	1
Capítulo I - <i>representação</i>	20
1. psicologia explicativa	21
2. papel da linguagem	35
3. estatuto ontológico da representação	44
4. crítica de Wittgenstein à idéia de 'saber privado'	54
5. síntese da posição freudiana	55
Capítulo II - <i>consciência</i>	58
1. consciência como 'sentido interno'	61
2. oposição entre percepção e memória	65
3. solução tópica	71
4. mediação lingüística	77
5. crítica husserliana ao naturalismo psicológico	82
Capítulo III - <i>eu</i>	95
1. concepção quantitativa do eu	98
2. inconciliabilidade	102
3. versão tópica da censura	109
4. instâncias psíquicas	116
5. liberdade e má-fé	122
Conclusão	131
Bibliografia	133

Introdução

Desde os primórdios de sua criação, um século transcorrido, a psicanálise tem sido motivo de intenso debate e muita controvérsia. Acreditamos serem poucos os pontos (noções, conceitos e teses) contidos na teoria freudiana que permanecem ainda hoje indisputados. No entanto, mesmo aqueles que como Wittgenstein sustentam uma posição crítica a seu respeito reconhecem que a psicanálise promove uma sensível ampliação da esfera dos atos humanos dotados de sentido e possibilita que certos fenômenos cotidianos sejam 'vistos' de uma outra maneira. Não se incorre necessariamente, assim, no compromisso com a idéia de descoberta científica de um território inexplorado (o inconsciente), podendo a psicanálise ser considerada apenas uma forma optativa de representação, com maior ou menor apelo. Feita a ressalva acima, não parece ser demasiado atribuir à noção freudiana de 'inconsciente', um dos pilares centrais da teoria, a responsabilidade principal pela novidade psicanalítica, ou seja, pela transformação de sentido operada. Não é sem razão, portanto, que o nome 'Freud' evoca de imediato o singular acento dinâmico conferido a esta intrigante noção, tida por muitos, nessa acepção, como revolucionária.¹ Mas

¹ Segundo Ellenberger a antiga idéia filosófica de vida mental inconsciente era largamente aceita no *fin de siècle*, motivando a psicologia científica da época a encontrar evidências a seu favor. Em termos históricos, enquanto Leibniz teria sido o primeiro a propor uma teoria da mente inconsciente com base em

seria tal noção freudiana de fato subversiva ante a tradição filosófica ocidental? Em que medida sua aceitação representaria uma cisão significativa com o modo de pensar então dominante? E, acima de tudo, até que ponto a postulação do inconsciente implica na rejeição dos clássicos pressupostos cartesianos sobre o caráter da consciência?

A tese central a ser desenvolvida neste estudo é a de que embora Freud modifique o significado das noções de 'consciência' e de 'eu', efetuando uma separação conceitual entre ambas, a psicanálise freudiana conserva uma noção central das assim denominadas 'filosofias da consciência' de inspiração cartesiana, a saber, a noção de 'representação'; pelo menos durante o período em que a examinamos: 1891-1915. Aponta-se para uma certa semelhança estrutural, na medida em que a representação é tematizada enquanto conteúdo interno, como se fosse uma espécie de coisa. Em outras palavras, a metapsicologia, de matiz naturalista, seria, por assim dizer, tributária do vocabulário da imanência. Por outro lado, a falta de identidade entre consciência e eu parece insuficiente por si só para evitar que ambas as noções retenham certas características estabelecidas pela tradição cartesiana: a) a consciência, em parte naturalizada, permanece como órgão de

argumentos puramente psicológicos, a Herbart caberia o pioneirismo da introdução de um ponto de vista dinâmico. [Ellenberger, 1970, p.311-2]

percepção interna; mesmo a precariedade de seus rendimentos não permite, entretanto, descartá-la inteiramente enquanto fonte primária de evidência e b) o pronome pessoal 'eu' recebe tratamento de nome, sendo além disso reificado em instância, ou seja, o eu deixa de coincidir com o sujeito empírico para integrar sua composição na qualidade de mediador psíquico semi-autônomo. Em suma, a continuidade sugerida (em que pese a originalidade de terreno) decorreria do compromisso reafirmado por Freud com a idéia de interioridade, cuja larga assimilação é um dos traços distintivos da cultura ocidental moderna.

Antes porém de iniciar a apresentação dos argumentos, alguns esclarecimentos acerca do objeto de estudo em questão parecem ser indispensáveis. Em primeiro lugar, é necessário salientar o caráter teórico da presente tese, ou seja, o fato da mesma ater-se exclusivamente à letra freudiana. Trata-se de uma leitura filosófica, sem qualquer tipo de compromisso com as 'verdades de fato' psicanalíticas, isto é, não são considerados argumentos empíricos, pois a validade dos mesmos depende, a nosso ver, no caso específico da psicanálise, da adesão prévia ao conjunto de seus pressupostos. Essa recusa do realismo psicanalítico baseia-se no julgamento do tipo de explicações que a psicanálise produz. Com Wittgenstein, defendemos que estas sejam de natureza estética, não científica,

porque cumprem basicamente uma função de apaziguamento, desfazendo eventuais perplexidades.² Assim, malgrado a pretensão de Freud, sua teoria é examinada aqui enquanto sistema conceitual e não posta à prova como uma teoria científica qualquer. Aliás, a lente wittgensteniana utilizada na presente tese justifica-se precisamente em função do tratamento empírico a que Freud, resolutivo, submete questões filosóficas³, como se fossem afinal questões psicanalíticas. O objetivo ora perseguido, portanto, é a avaliação do alcance teórico da concepção freudiana da vida anímica e do grau de consistência interna da articulação de algumas noções nucleares da doutrina psicanalítica, mencionadas adiante. Em linhas bem gerais, procura-se apontar um certo pressuposto substantivista comum aos diversos modelos de aparato psíquico apresentados por Freud.

A fenomenologia de Husserl, contemporânea da psicanálise, representa a última tentativa, diga-se de passagem das mais ambiciosas, de fundamentar a filosofia (*i.e.* de salvaguardar a razão). Seu programa inclui o reinício radical da filosofia, nos moldes daquele efetuado por Descartes,

² O mérito de Wittgenstein consiste, a nosso ver, em apontar certas imprecisões conceituais presentes na teoria psicanalítica (por exemplo, a confusão entre hipótese e descrição suplementar). A metapsicologia freudiana, de seu ângulo, seria alternativamente uma construção metafísica envolta em roupagem cientificista ou um discurso estético que se ignora enquanto tal. Uma exposição sistemática das observações do filósofo vienense acerca de Freud encontra-se no primeiro capítulo da dissertação de mestrado *A Concepção Lingüística Freudiana* [Banzato, 1994], intitulado *Wittgenstein - crítico de Freud*.

³ Nesse sentido, Freud parece seguir o exemplo de Brentano, que acreditava ser possível tratar com sucesso os problemas filosóficos de maneira empírica. [Gilson, 1955(a), p. 142]

visando elucidar o problema constituído pelo *a priori* da correlação intencional. [Husserl,1954,p.181] O método utilizado, a análise intencional, pretende descrever toda e qualquer experiência, a partir da bilateralidade da mesma, dado que todo ato deve necessariamente ter um equivalente. Seu ponto de partida é a intencionalidade, segundo a descrição de Brentano⁴, marca registrada da consciência, sempre consciência de algo; não há, contudo, lugar para a introspecção ou a reflexão, ao invés, temos como *motto* a intuição ideadora. [Husserl,1900,II,p.247] No que diz respeito às noções supracitadas, o criador da fenomenologia adota justamente uma solução oposta à de Freud: mantém a totalidade sintética do eu (como uma unidade genuína) e rejeita a idéia de um conteúdo imanente da consciência. Em sua ousada empresa, Husserl pretende evitar a um só tempo *Scylla* do ego transcendental substancial e *Charybdis* da visão atomista do *self*. Neste sentido, a comparação da psicanálise freudiana com a fenomenologia husserliana afigura-se promissora, constituindo o pano de fundo da presente discussão.⁵

⁴ Sobre intencionalidade (in-existência intencional - ou ainda mental) ver o trecho clássico da *Psicologia do ponto de vista empírico* dedicado à caracterização da especificidade do fenômeno psíquico. [Brentano (1874),1944,p.102] Nesse contexto, advertimos, intencionalidade não tem nenhuma conotação teleológica.

⁵ Não se trata de modo algum de confrontar projetos radicalmente diferentes entre si, o objetivo da clivagem ora proposta é tão-somente o de evidenciar certos pressupostos filosóficos freudianos.

Além disso, vale a pena salientar que tanto Freud como Husserl, ainda que por motivos distintos, são implacavelmente criticados na perspectiva das filosofias conceituais, notadamente por Wittgenstein.⁶ No caso da psicanálise freudiana, o filósofo vienense a considera um empreendimento intrinsecamente mitológico em virtude do seguinte conjunto de atributos: ambição explicativa desmedida, desejo de universalidade e apelo persuasivo de exclusividade. A metapsicologia não seria uma simples hipótese de trabalho, como Freud deseja, mas desempenharia o papel de certeza *a priori*, organizando todo o procedimento psicanalítico. O fato das construções metapsicológicas serem provisórias não invalida o argumento, importa apenas a suposição de um transcendente, isto é, de algo situado fora do âmbito da experiência psicológica, sua identidade é irrelevante para o nosso propósito. Wittgenstein aponta ainda a marcada anfibia conceitual e o essencialismo tácito da teoria freudiana. A seu turno, enquanto filosofia centrada na consciência, com sua razão intuitiva e seu saber privado, a fenomenologia representa a própria sùmula do que é inaceitável para uma filosofia centrada na linguagem. A despeito da concordância entre Husserl e Wittgenstein acerca dos seguintes pontos: caráter descritivo da filosofia, uso

⁶ A opção por Wittgenstein prende-se à suspeita de que sua crítica a Freud em alguma medida denuncia o peculiar 'cartesianismo' do criador da psicanálise, razão também de sua objeção a Husserl.

do termo 'fenomenologia', independência da filosofia em relação à psicologia e crítica severa do psicologismo (seja na modalidade empírica ou transcendental), um abismo separa os dois autores. Bouveresse, inclusive, considera Wittgenstein uma espécie de anti-Husserl, pois este seria o exemplo justo de tudo que horrorizava aquele em matéria de filosofia, a saber, o *patos* do fundamento, do começo radical, da pureza, da essência, da evidência apodítica, da verdade primeira e da cientificidade. (Bouveresse, 1987,p.22-4) Enquanto Husserl utiliza o lema cartesiano da razão organizada segundo a metáfora do 'ver originário', da razão centrada no sujeito em uma atitude objetivante, para a filosofia de Wittgenstein a questão da racionalidade se resolve no plano intersubjetivo, não se trata mais simplesmente de 'ver', mas sim de 'mostrar'.

Apresentamos a seguir de forma sucinta o arranjo geral deste estudo. O texto está dividido em três capítulos conexos, estruturados em torno das noções freudianas de 'representação', de 'consciência' e de 'eu', nesta ordem. A composição dos capítulos segue o mesmo padrão: 1.exame da letra freudiana, para demarcar a especificidade de nosso autor, 2.análise da literatura filosófica selecionada e 3.discussão crítica da posição freudiana, salientando os eventuais impasses teóricos remanescentes.

No primeiro capítulo, a noção de 'representação' é considerada no período compreendido entre a publicação de *Sobre a Concepção das Afasias* (1891) e de *O Inconsciente* (1915), sendo concedida ênfase aos textos ditos metapsicológicos. Embora Freud formule um modelo associativo complexo, onde representações de diversos tipos se relacionam entre si, incluindo uma certa mediação lingüística, sua noção de 'representação' parece conservar algo dos sentidos clássicos: presença (mediada pela imagem ou pelo signo) da coisa no espírito, o que forma o conteúdo concreto de um ato de pensamento e reprodução de uma percepção anterior. Assim, pretende-se examinar a natureza da relação entre percepção e representação e, sobretudo, verificar o caráter ontológico da imagem mental (representação) na teoria freudiana. A partir das observações de Husserl (*Investigações Lógicas*-1900 (notadamente a quinta)) e de Sartre (*L'imagination*-1936 e *L'imaginaire*-1940), acerca da ilusão de imanência, buscamos elementos para decidir se Freud incorre ou não no que Sartre denomina *metafísica ingênua da imagem* e, em caso afirmativo, identificar as conseqüências. Procuramos mostrar, por exemplo, como a postulação do sistema inconsciente, quiçá uma espécie de reservatório de imagens, decorre justamente da necessidade de acomodar a crença freudiana no determinismo mecanicista ao domínio psicológico. Cabe aqui, porém, uma advertência: uma coisa é Freud tentar

preservar a autonomia relativa do campo representacional, constituindo o psíquico como série completa [assumindo, contudo, uma concepção realista da representação], outra, bastante distinta, seria tomar o psíquico como série à parte, isolado do suceder universal. O naturalismo freudiano exclui por completo esta última alternativa. Aliás, este ponto ilustra com propriedade a diferença entre os projetos de Freud e Husserl: o psicanalista visa a constituição de uma psicologia científica baseada no método indutivo, onde a estase temporal privilegiada é o passado e as descrições são feitas em terceira pessoa; já o filósofo afasta-se da atitude natural para estudar a consciência, à procura de um conhecimento necessário *a priori* (ultrapassando o âmbito do fenomenismo, ao buscar aprender a essência do fenômeno, sustentando todavia uma neutralidade ontológica)⁷, a noção de psíquico por sua vez desaparece diante do presente perpétuo da consciência descrita sempre em primeira pessoa.

As especificidades da noção freudiana de 'consciência' são focalizadas no segundo capítulo. Perdendo a condição de critério do psíquico e desvinculada do eu, a consciência algo naturalizada permanece como órgão

⁷ Eis a novidade do idealismo transcendental: "Esse idealismo não se forma por meio de um jogo de argumentos e não se opõe em uma luta dialética a qualquer 'realismo'." [Husserl, 1929, p. 72]

responsável pela percepção interna.⁸ Um dos problemas aqui é investigar a relação entre a consciência e a linguagem, que talvez forneça a chave para o entendimento das questões relativas à autoconsciência e à autodeterminação na teoria freudiana. A consciência, admite Freud de bom grado, representa um limite para a explicação mecânica do aparato psíquico, pois é *“fato sem comparação, que desafia todo intento de explicá-lo e descrevê-lo.”* [Freud, XXIII,p.155] Se de um lado, a consciência é apenas um acompanhante facultativo do ato anímico: *“Na medida em que quisermos avançar até uma consideração metapsicológica da vida anímica, temos que aprender a emancipar-nos do significado do sintoma ‘consciente’.”* [Freud,XIV,p.189], de outro fornece indicações preciosas: *“(...) a propriedade de ser ou não consciente é em definitivo a única tocha na obscuridade da psicologia das profundezas.”* [Freud,XIX, p.20] Tratando da plurivocidade do termo ‘consciência’, Husserl rejeita o sentido de percepção interna, pelo comprometimento com o vocabulário da imanência, pois *ser para a consciência* não equivale a *ser consciente* ou *estar na consciência*, conservando porém os outros dois: *“(...) conjunto de componentes [gesamte Bestand] fenomenológicos reais [reelle] do eu empírico, isto é como tecido*

⁸ Lembrar que a interpretação metafísica da distinção entre interno e externo, presente na atitude natural, não tem lugar no contexto da correlação intencional, a fenomenologia husserliana pensa-se aquém das oposições filosóficas tradicionais. [Moura,1989,p.16]

dos vividos psíquicos na unidade do fluxo de vividos” e sobretudo “(...) designação global para todo tipo de ‘ato psíquico’, ou de ‘vividos intencionais’.” [Husserl,1900,II,p.145] Sua posição, nesse momento, reconhece a influência preponderante do modo de pensar psicológico: “Como nosso primeiro conceito de consciência - que, do ponto de vista psicológico empírico, qualifica de conscientes tanto o fluxo de vividos pertencente à unidade real [reale] do indivíduo psíquico como todos os momentos que o constituem realmente - tende a se impor em psicologia, nós já havíamos decidido, por esta razão, no capítulo precedente dar preferência a este conceito (fazendo somente abstração daquilo que é propriamente psicológico, empregando-o, portanto, em toda sua pureza fenomenológica); e, por conseqüência, nós devemos senão evitar totalmente (o que não é muito realizável), ao menos empregar com a prudência requerida o termo ‘consciência’ no sentido de percepção interna e no sentido de relação intencional.” [ibid.,p.177-8]

A psicologia em terceira pessoa formulada por Freud pretende emendar a percepção interior [Freud,XIV,p.167] e preencher as lacunas da percepção consciente. [Freud,XXIII,p.288] Enquanto para Husserl a consciência opera por ato, para Freud a consciência tem algo de passivo; de todo modo, nos dois casos não há lugar para a reflexão, a fenomenologia

procede através da intuição ideadora, a psicanálise, da inferência. Entender o psíquico como sendo em si inconsciente permite a Freud tentar configurar a psicologia como uma ciência natural entre outras [ibid.,p.156], com a seguinte ressalva: “*Todas as ciências repousam em observações e experiências mediadas pelo nosso aparato psíquico, mas como nossa ciência tem por objeto a esse mesmo aparato, cessa a analogia.*” [ibid.]

Atravessa a elaboração da teoria freudiana, do *Projeto* (1895) ao *Esquema de Psicanálise* (1938), a tese de que a consciência dos processos interiores é função da linguagem, das conexões dos conteúdos do eu com restos mnêmicos das percepções visuais e, principalmente, acústicas (palavra ouvida). [ibid.,p.160] Toda a problemática do eu relativa à liberdade e ao determinismo⁹, ou melhor, da causalidade da ação, depende em parte da natureza da ligação entre consciência, inconsciente e linguagem: se o inconsciente possui natureza lingüística, a figura de um mediador psíquico ganha relevo e a condição de liberdade seria o risco da própria má-fé, no caso oposto, o sujeito seria apenas um sintoma no interior de um sistema determinístico fechado, não haveria razão para se falar em liberdade de escolha e a própria prática psicanalítica perderia seu sentido. Aliás, para

⁹ Lembrar a solução kantiana que harmoniza ambos, por meio da distinção entre fenômeno e coisa em si. [Kant, 1781, p. 165-6]

Sartre, o determinismo psicológico seria uma espécie de fundamento de todas as condutas de desculpa.¹⁰ [Sartre,1943,p.75] Eis o problema abordado na seqüência.

A noção freudiana de 'eu', enquanto instância psíquica, é analisada no terceiro e último capítulo, no contexto de uma discussão acerca do problema da autodeterminação. Trata-se de evidenciar como a teoria psicanalítica figura a ligação entre as instâncias de modo a tornar possível a ação. Nosso intento é contrapor esta suposta divisão do sujeito à unidade necessária do agente empírico. Neste sentido, é preciso investigar como a pluralidade de intenções dos diferentes sistemas se resolve na ação, se através de uma simples determinação mecânica ou de uma mediação específica, comprometida com a realização de uma finalidade pulsional (transcendente, no sentido acima especificado). Husserl considera indevida a inferência de um eu substancial a partir do *cogito* cartesiano, aceitando como válida somente a correlação entre *cogito* e *cogitatum*. O filósofo alemão rejeita ainda a idéia de um eu puro como centro de referência, na medida em que o eu não possuiria anterioridade lógica em relação ao objeto. É oportuno

¹⁰ O filósofo francês opõe o fatalismo, não o determinismo, à liberdade. Enquanto o segundo de modo algum se aplica aos fatos da consciência, o primeiro, incompreensível no mundo físico, encontra seu lugar precisamente no mundo da consciência. [Sartre,1940,p.98-99]

lembrar que em Freud, além do eu nominal, existe a suposição de uma atividade psíquica ‘exterior’ a esse eu e mesmo à sua revelia.

No percurso, pretendemos indicar como a crítica, outrossim de inspiração wittgensteiniana, ao uso filosófico da expressão ‘eu’, decorrente do mau entendimento da linguagem (*viz.* pronome tratado como nome) aplica-se perfeitamente ao caso da psicanálise freudiana, onde esta entidade comparece reificada em instância. Tugendhat, em uma conferência de 1992 intitulada *O Eu*, lida brevemente com a questão da origem histórica da terminologia do eu, para em seguida mover o arsenal analítico contra tal entidade. No primeiro momento, sua análise tenta expor as conclusões equivocadas extraídas pelos filósofos, a partir de Descartes (após sua constatação de uma assimetria epistêmica entre proposições enunciadas na primeira pessoa e proposições enunciadas na terceira) a propósito da idéia de autoconsciência.¹¹ Tugendhat explora ademais uma outra face da idéia fichteana de reflexão: *“O eu é livre enquanto pode abstrair, quando reflete, de todas as suas determinações e, determinando-se a si-mesmo, é autônomo. Neste significado da autodeterminação ou autonomia, a terminologia do eu transmitiu-se à Psicanálise e à Psicologia do ego dos nossos dias.”*

¹¹ Cumpre distinguir ainda, de acordo com Wittgenstein, conhecimento de si da ficção ‘autoconhecimento’ de si. [Faustino, 1995, p. 77-8]

[Tugendhat,1992,p.15] Por fim, o autor discute o conceito de deliberação a partir do contraste gramatical entre uma pergunta teórica (modificação interrogativa de uma sentença assertórica) e uma pergunta prática (modificação interrogativa de uma sentença intencional na primeira pessoa do futuro). A deliberação deve implicar necessariamente possibilidade de agir, sendo esta por sua vez a condição da liberdade e da responsabilidade tomada em sentido estrito: *“Pois, se digo que depende de meu eu se me comporto de maneira autônoma ou não, a questão se vê delegada a essa instância em mim; só quando me dou conta de que depende de mim - e não de uma instância em mim -, a questão adquire sua plena e indelegável seriedade.”* [ibid.,p.22-3]

Na teoria freudiana, como efeito da separação entre eu e consciência, temos a distinção entre eu e sujeito empírico que encerra sérias dificuldades teóricas. Neste sentido, lidamos também com a crítica formulada por Sartre em *L'être et le néant* (1943) de que a hipótese psicanalítica da censura é concebida para restabelecer a dualidade do enganador e do enganado: tudo se passa agora entre as instâncias, como uma mentira sem mentiroso, o sujeito apenas sofre a mentira. [Sartre,1943,p.84-9] O pensador francês questiona o princípio do processo da repressão: trata-se de uma força cega ou de uma escolha (que pressupõe representação)? Sua conclusão é a de

que a psicanálise hipostasia a má-fé, como censura, mas de forma alguma evita o problema. [ibid.] A divisão do psiquismo em instâncias não implicaria uma desintegração do sujeito: banida a unidade psíquica pela porta principal, ela retornaria sem alarde pela janela, encontrando na censura o refúgio procurado. Eis a figuração topológica proposta por Freud: *“Gostaria de assegurar-lhes que estes supostos toscos acerca dos dois espaços, do guardião situado no limiar entre ambos e da consciência como um espectador situado no final da segunda sala devem significar, contudo, uma considerável aproximação ao estado de coisas real.”* [Freud,XVI,p.271]

Esta personalização da censura sugere a intervenção de razões no processo da repressão [Verdrängung]. Resta investigar como, na psicanálise freudiana, as razões de um sistema psíquico agem sobre um outro: se conservam a qualidade de razões ou se passam a funcionar como causas. No caso da segunda hipótese, caberia verificar em que medida ela afetaria o problema da necessidade de um mediador anímico, permitindo a passagem à ação. Assim, talvez a referência à distinção entre causas e razões no plano mental forneça indicações valiosas, esclarecendo melhor o contexto teórico da discussão acima esboçada. Neste sentido, o exame dos atos acráticos, na perspectiva de Davidson, ofereceria a oportunidade de ponderar sobre uma eventual solução do problema da unidade do agente baseada em relações causais.

No quadro descrito pelo autor supracitado em *Paradoxes of irrationality* (1982), a partição da mente em instâncias semi-autônomas afigura-se condição indispensável em uma teoria explicativa dos atos acráticos, além de permitir a formulação de uma hipótese plausível de como razões podem ser causas: “(...) *there is no inherent conflict between reason explanations and causal explanations. Since beliefs and desires are causes of the actions for which they are reasons, reason explanations include an essential causal element.*” [Davidson,1983,p.293] Supondo cada instância constituída como uma estrutura intencional, seria dispensável o recurso de elementos inconscientes para explicar a irracionalidade. Os limites da divisão proposta por Davidson são relativos à falência das relações de razão, não se requer a partir daí nenhuma metáfora, tampouco a postulação da independência total das partes. A preocupação principal do autor é evidenciar a presença de um elemento racional no núcleo de todas as ações intencionais, um dos pressupostos da psicanálise. A partir de seu *monismo anômalo* (dualismo epistemológico, não ontológico)¹², Davidson entende que a descrição de causa em termos mentais é fundamental para a explicação da irracionalidade, pois “*Blind forces are in the category of the non-rational,*

¹² “*This is sometimes expressed by saying that there can be an ontological, though not a conceptual reduction.*” [Guttenplan,1994,p.122]

not the irrational. So, we introduce a mental description of the cause, which thus makes it candidate for being a reason." [ibid.,p.299] Finalmente, a divisão da mente proposta pelo filósofo norte-americano atribui racionalidade às instâncias e sua explicação do porquê da pessoa agir contra seu melhor julgamento (*akrasia*) dispensa a intervenção de fatores alheios à razão.

No entanto, se de um lado este esquema consegue explicar a irracionalidade através do conflito entre razões, postulando que certos eventos mentais funcionam em relação a outros eventos mentais como meras causas, de outro, ele não esclarece como as diversas partes da mente estariam organizadas na composição de segunda-ordem do agente, ou seja, continuaria por explicar a passagem à ação. Neste aspecto, também a psicanálise tem pouco a acrescentar. Uma coisa é prescindir de um pequeno agente de ligação entre as instâncias (como a censura ou o eu freudianos, por exemplo) como o modelo davidsoniano permite, outra é dispensar a existência de uma instância (ou meta-instância) responsável pela deliberação. Mesmo no quadro apresentado por Davidson, onde vigora entre as partes uma divisão de funções e a decisão do agente depende tanto de razões (internas em relação à instância deliberativa) como de causas (razões de outras instâncias), a integração de ambas não é tematizada.

Na teoria freudiana a situação é sensivelmente mais complicada por conta da intervenção de razões inconscientes. Mesmo considerando que estas razões devam funcionar como causas, permaneceria sem explicação a força decisiva atribuída a elas, isto é, a impossibilidade das mesmas serem sobrepujadas por razões conscientes, na ausência de um *deus ex machina*, que no caso atenderia, por exemplo, pelo nome de pulsão. Na melhor das hipóteses, haveria liberdade de escolha dentro de limites bastante estritos. Estaríamos basicamente, portanto, nos domínios da compulsão. Se de um lado, a censura impede o acesso ao inconsciente, de outro, ela representa um agente desse mesmo inconsciente, sempre disposto a utilizar os meios mais ardilosos para contornar as eventuais objeções da consciência e atingir os objetivos pulsionais. A censura seria, por assim dizer, a própria expressão dissimulada da racionalidade do inconsciente, garantindo ainda com zelo fiel a realização de seus interesses.

Capítulo I - representação

“Permitam-me oferecer-lhes uma comparação; é verdade que as comparações nada demonstram, mas podem fazer com que nos sintamos em nossa própria casa.” [Freud, Conferência XXXI (1932), AE-XXII, p.67]

“But philosophers share the general human weakness for explanations of what is incomprehensible in terms suited for what is familiar and well understood, though entirely different.” [Nagel, *What is it like to be a bat?* in *Mortal Questions* (1979), p.166]

A busca de uma explicação estritamente psicológica do fenômeno da memória atravessa toda a elaboração freudiana, sendo factível afirmar que esta meta preside a figuração tópica do aparato psíquico em suas diferentes versões. Inclusive, a tradicional equação psíquico=consciente¹³ é reformulada para que o princípio da continuidade psíquica possa ser sustentado. Freud rejeita com vigor todo recurso a uma teoria fisiológica da memória, onde uma representação somente teria um caráter psíquico enquanto evocada pela consciência.¹⁴ Em contrapartida, o psíquico entendido agora como inconsciente, este sim constituiria uma série completa, sem lacunas, inseparável portanto dos nexos deterministas do suceder universal e passível de apresentação nos termos das ciências da natureza, isto é, na forma

¹³ Para Brentano, consciência e fenômeno psíquico (ato psíquico) são sinônimos. [Brentano(1874),1944, p.114]

de leis. [Freud,XXIII,p.285] Escritos tardios (de 1938) atestam a fidelidade de Freud à concepção da psicologia como ciência natural [ibid.,p.284], embora este admita a existência de especificidades irreduzíveis, como a impossibilidade radical, no caso da psicologia, de abandonar de vez a linguagem da percepção. [ibid.,p.198]

1. psicologia explicativa

Logo nas primeiras linhas de seu *Projeto de uma Psicologia* (1895), após definir as idéias centrais do texto (neurônio e quantidade), Freud afirma serem freqüentes naquela época tentativas semelhantes. Sem dúvida, trata-se de uma referência à construção de uma psicologia científica, ou, em outras palavras, de uma psicologia explicativa baseada em uma combinação de hipóteses, como é o caso da obra de seu colega Exner *Entwurf zu einer physiologischen Erklärung der psychischen Erscheinungen* (1894). A propósito, Dilthey inicia *Ideas Concerning a Descriptive and Analytic Psychology* (1894) com o seguinte comentário sobre este tipo de empreendimento: “A psicologia explicativa, que atualmente tanto interesse desperta e tanto trabalho estimula, institui um sistema causal pleiteando tornar inteligíveis todas as manifestações da vida mental. Ela procura

¹⁴ Na raiz do problema, transparece a premissa realista acerca do estatuto da representação. [Confrontar Boss,1982,p.95]

explicar a constituição da vida psíquica [Seelenleben] com o auxílio de seus componentes, energias e leis, assim como a física e a química explicam aqueles do mundo corpóreo.” [Dilthey,1894,p.23] E um pouco adiante, define ciência explicativa: *“Por ciência explicativa deve ser entendida toda subordinação de um domínio da experiência a um sistema causal [Kausalzusammenhang] por intermédio de um número limitado de elementos bem-determinados (i.e., os componentes do sistema).”* [ibid.] O fisicalismo freudiano, a seu turno, subsiste enquanto matriz de sua concepção dinâmica, como atesta a carta programática apresentada na *Conferência Introdutória 4* (1915): *“Não queremos apenas descrever e classificar os fenômenos, senão concebê-los como indícios de um jogo de forças que ocorre dentro da alma, como exteriorização de tendências que aspiram a uma meta e que trabalham conjugadas ou em oposição. Esforçamo-nos para alcançar uma concepção dinâmica dos fenômenos anímicos. Para a psicanálise, os fenômenos percebidos devem ceder lugar a tendências somente supostas.”* [Freud,XV,p.59]

Retornando ao *Projeto*, a montagem do aparato psíquico, no caso, é organizada pela distinção entre dois pólos, a percepção e a memória. Neste texto, Freud tenta mostrar como todo o conhecimento deriva da

experiência¹⁵, revelando sua adesão a uma doutrina sensualista, jamais abandonada, como ilustram os seguintes trechos, escritos na década de 20: “*Todo saber provém da percepção externa*” [Freud,XIX,p.25], “*(...) é preciso recordar que todas as representações provêm de percepções, são repetições destas. Assim, originalmente a própria existência da representação é uma carta de cidadania que atribui realidade ao representado.*” [ibid.,p.255] Freud também cria no *Projeto* condições para uma dissociação entre memória e consciência, pois a primeira não mais depende da segunda, sendo uma simples função da quantidade: todos os estímulos (a partir de um limiar) acarretam modificações permanentes do sistema ψ ; a consciência, por sua vez, depende de uma série distinta, a qualitativa. [Freud,1895,p.22-3] Contudo, ambas as teses, a saber, a indestrutibilidade dos traços mnêmicos e a separação entre consciência e memória, como veremos na seqüência, não são exatamente originais.

Por exemplo, Delboeuf, cujo *Le Sommeil et les Rêves dans leurs rapports avec la certitude et la mémoire* (1885) é inclusive mencionado a propósito das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho no primeiro capítulo da *Interpretação dos Sonhos*, enuncia no prefácio do livro citado o mesmo tipo

¹⁵ Alinhando-se uma vez mais a Brentano, que afirma categoricamente no início de sua *Psicologia*: “*Meu único mestre é a experiência.*” [Brentano(1874),1944,p.21]

de objetivo fisicalista então em voga: esclarecer o fenômeno da memória através da compreensão, em termos psíquicos, dos axiomas relativos à integridade permanente da matéria e da força. [Delboeuf,1885,p.V] Também para ele, toda impressão, mesmo a mais insignificante, deixa um traço indelével, capaz de reaparecer indefinidamente. Ao representar a memória no interior do aparato psíquico, curiosamente, utiliza outrossim metáforas geológicas e ópticas [ibid., p.155 e 158], apontando para a multiplicidade dos registros e a complexidade da trama associativa, na medida em que cada traço mnêmico pode estar 'armazenado' de diferentes maneiras (de acordo com as famosas leis de associação de idéias¹⁶), com potencial de evocação de um número incalculável de outros traços. Neste contexto, o sonho representaria a possibilidade singular de recuperação de um passado julgado perdido para sempre, um *coup d'oeil* sobre a imensidade de tesouros que ficaram para trás. [ibid.,p.252] Suas palavras finais sobre os sonhos são muito elucidativas (note-se a analogia empregada): "(...) *ils nous racontent le passé dans des pages fragmentaires, bien décousues, et d'aspect indéchiffrable. Mais qui sait? La terre, elle aussi, a conservé précieusement ici une mâchoire, là une vertèbre, ici une empreinte d'une plume ou d'une écaille,*

¹⁶ Leis que supostamente regeriam a sucessão dos fenômenos psíquicos. Determiná-las, na tradição empirista, seria a tarefa por excelência de toda psicologia explicativa.

là - le dirai je? - une empreinte d'excrément; la paléontologie, avec ces vestiges informes, refait l'histoire de notre planète. Le peu que nous laisse entrevoir le rêve nous suffit pour affirmer que, dans le monde de la pensée, rien ne s'oublie; tout est inscrit, classé, étiqueté. Dans quel but? Il n'est pas facile de devenir." [ibid.] Anos depois, Freud concluirá sua *Interpretação dos Sonhos* reafirmando, contra toda especulação divinatória, que o sentido do sonho, longe de predizer o futuro, brota das expectativas de um passado condicionado pelo desejo indestrutível. [Freud, V, p.608]

A linguagem neurológica do *Projeto* pode afigurar-se deveras enganadora, pois mascara em certo sentido a preocupação de Freud em garantir a autonomia relativa do domínio do psicológico (entendido como representacional) perante o fisiológico, condição de possibilidade da clínica. Em *Sobre a Conceção das Afasias* (1891), transparece a influência de Hughlings-Jackson (defensor da hipótese do paralelismo psicofísico, em que a consciência é epifenômeno) no tratamento dispensado ao problema da relação entre a psique e o sistema nervoso. Nesse estudo, Freud procura evidenciar a incapacidade das teorias vigentes de explicar as diversas formas clínicas de afasia. Combatendo a idéia do localizacionismo cerebral, Freud apresenta um novo modelo de entendimento do aparelho da linguagem baseado na existência de complexos associativos, prescindindo de uma referência

anatômica. Além disso, denuncia uma outra confusão (mais tosca), análoga àquela da postulação de centros corticais específicos, a atribuição às células da propriedade de alojar representações lingüísticas. [Freud,1891,p.56] Aparentemente, trata-se de criticar um empirismo ingênuo (casos de Meynert e Wernicke) para, talvez, substituí-lo por um empirismo mais refinado, no qual não haveria a menor necessidade de se supor uma correspondência biunívoca entre a mente e seu substrato neurológico. Em primeiro lugar, Freud propõe uma distinção entre 1.representação de palavra: complexo associativo fechado, composto de elementos acústicos, visuais e cinestésicos, organizado pela imagem acústica e 2.representação de objeto: complexo associativo aberto, composto dos mais variados elementos, visuais, acústicos, táteis, cinestésicos, entre outros, organizado pela imagem visual. [ibid.,p.79-80] O ponto nodal da explicação freudiana das afasias diz respeito justamente à relação entre estas duas representações complexas, elas estariam ligadas entre si por intermédio exclusivo da imagem acústica, de um lado, e da imagem visual, de outro, sendo a ruptura da referida associação sugestivamente denominada por Freud 'afasia assimbólica'. [ibid.,p.80]

Entrementes, antes de prosseguir com a análise do *Projeto*, é preciso considerar ainda um outro sentido atribuído ao termo 'representação', presente na *Comunicação Preliminar* (1893): resíduo mnêmico de toda e

qualquer vivência. Nesse contexto (a teoria do trauma), busca-se sobretudo esclarecer a origem do sintoma histérico, identificar o momento em que este surgiu pela primeira vez, estabelecendo assim um nexos causal entre o mesmo e a vivência desagradável que o produziu. [Freud,II,p.29] E como, além disso, o fenômeno patológico em questão é completamente determinado por sua causa, o resultado do acontecimento que o ocasionou não poderia ser outro. [ibid.,p.30] Embora rigorosamente estrito, o nexos entre o fenômeno e sua causa nem sempre é simples e direto (evidência apoiada numa eventual simultaneidade), possuindo por vezes uma natureza simbólica. [ibid.,p.31] O sintoma histérico seria, por assim dizer, um caso muito especial de recordação, incompreensível para o próprio sujeito e de caráter compulsivo. Este último traço decorreria da superintensidade afetiva da representação em jogo, provocada pela insuficiência da ab-reação e pela impossibilidade de uma retificação durante o trabalho associativo. [ibid., p.34 e 37] Dois anos depois, na parte IV dos *Estudos sobre Histeria* (1895), intitulada *Sobre a Psicoterapia da Histeria*, Freud salienta a sobredeterminação da gênese do sintoma [ibid.,p.270], apontando a complexidade da ordenação¹⁷ segundo o

¹⁷ O nexos lógico, isto é, de sentido, corresponderia a uma intrincada malha associativa, convergindo em alguns pontos nodais.

conteúdo do pensamento para explicar o determinismo ou o comando múltiplo do sintoma. [ibid.,p.295]

No *Projeto*, toda a parte II, *Psicopatologia*, é justamente dedicada ao esclarecimento da compulsão histérica. Freud utiliza a expressão 'representação superintensa' para designar aquilo que se manifesta na compulsão, a representação extravagante que surge na consciência sem razão aparente, produzindo efeitos que não se compreendem. Entretanto, as representações superintensas não são uma exclusividade da histeria, existem aquelas consideradas normais, dotadas de motivação legítima. "*Por outro lado, as representações superintensas históricas chamam-nos a atenção devido a sua estranheza, são representações que em outros são sem conseqüências e cuja importância não compreendemos. Elas nos aparecem como arrivistas, usurpadoras e, por isso, risíveis.*" [Freud,1995,p.60] Nos termos de nosso autor: "*A compulsão histérica é pois: 1.incompreensível, 2.insolúvel por trabalho de pensar e 3.incongruente em sua estrutura.*" [ibid.] Os dois primeiros caracteres seriam, em essência, equivalentes, pois esclarecer a compulsão histérica é o mesmo que solucioná-la. [ibid.] Como tornar seu conteúdo compreensível implica em desfazer sua aparência de absurdo, a chave para a compreensão da especificidade do problema parece residir no terceira característica apontada, a incongruência. Neste sentido, é

preciso explicar, de um lado, a superintensidade da representação e, de outro, os efeitos inusitados de sua imposição à consciência.

Para tanto, Freud supõe a seguinte situação: 1. A é uma representação superintensa, 2. B é uma representação que provoca justificadamente certo efeito e 3. B tem uma relação determinada com A (houve uma vivência que consistiu de $B + A$, onde A era uma circunstância acessória e B apropriada para exercer aquele efeito duradouro). Na recordação deste acontecimento, tudo se passa como se A tivesse ocupado o lugar de B , substituindo-a por inteiro, transformando-se no símbolo de B . Com a ressalva de que nesse caso, o do símbolo histórico, desaparece a relação $A-B$: “Aqui, o símbolo substitui completamente a coisa.” [ibid.,p.61] Encontramos desse modo uma repressão na origem da compulsão, sendo a repressão pensada como um despojamento da Q de B , e a compulsão, como um acréscimo subsequente para A da mesma quantidade retirada de B . Em termos psicológicos, teríamos um processo primário, o *deslocamento*. [ibid.,p.62]

Faltaria identificar, porém, a força que move a repressão. A experiência clínica, convocada por Freud, fornece algumas pistas: a repressão atinge representações que, advindas da vida sexual, despertam um afeto penoso no eu. Além disso, em se tratando da compulsão histérica, estamos no

domínio da defesa patológica, onde uma representação é excluída do processo de pensar [ibid.,p.63], com formação de símbolo. [ibid.,p.64] Como não é razoável supor que sejam justamente as representações sexuais que despertam os afetos penosos (desprazer) de maior intensidade, o fato de acontecer um processo primário no interior do eu não pode ser explicado apenas em termos quantitativos (conforme o objetivo do *Projeto*). Assim, o foco recai sobre a especificidade da vida sexual que propiciaria as condições psíquicas especiais requeridas no caso. Ora, Freud mostra, a partir do caso de Emma, como na sexualidade histérica (onde há uma liberação precoce), não é a percepção, mas a recordação de uma vivência que libera pela primeira vez o desprazer, burlando o mecanismo de atenção: “(...) *o eu toma conhecimento disso demasiadamente tarde; permitiu um processo primário porque não o esperava.*” [ibid.,p.70-1] Tudo isto seria factível dada a disposição biológica da sexualidade: “*O atraso da puberdade possibilita processos primários póstumos.*” [ibid.,p.71] Basicamente, o trauma decorreria de uma representação reconhecida *a posteriori* como sexual. É indispensável registrar nesse sentido uma singularidade filosófica do *Projeto*: no caso da sexualidade, a representação superaria a percepção (sensação) em termos de intensidade. [Cf. Gabbi Jr.,1995,n.438,p.208]

Na parte III do *Projeto*, dedicada à apresentação dos processos ψ normais, Freud postula o condicionamento biológico do mecanismo de atenção, cujo protótipo seriam os estados de apetite (desejo e expectativa), constituídos a partir da vivência de satisfação. [Freud,1995,p.76] Isto significa afirmar que o pensar, assim justificado, visa em suma estabelecer a identidade entre a percepção e a representação. O pensar prático, cuja meta é a identidade *tout court* [ibid.,p.92], obedece à regra biológica da defesa primária, isto é, abandona um determinado caminho em caso de liberação de desprazer. [ibid.,p.97] Freud acrescenta: “O pensar prático, a origem, permanece também como a meta final de todos os processos de pensar. Todos os outros tipos desdobram-se a partir dele.” [ibid.,p.98] Importa particularmente ao nosso propósito o fato de uma representação (ou um complexo de representações), no caso relativa (o) à vivência de satisfação, dirigir todo o processo de pensar, organizando inclusive a percepção em função de uma dada expectativa¹⁸. Enquanto no vocabulário do *Projeto*, a meta primeira e última do pensar é a identidade, nos termos da *Interpretação dos Sonhos*, observamos o surgimento da noção de ‘representação-meta’ do pensar. Analisamos a seguir seu significado teórico.

¹⁸ Traduzindo, em outros termos, o funcionamento interessado do aparelho.

Na primeira seção do notório capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, intitulada *O esquecimento dos sonhos*, Freud parte da seguinte premissa: aquilo que recordamos de um sonho não passa de um fragmento, tendo sido o verdadeiro 'sonho' mutilado pela infidelidade de nossa memória e, sobretudo, pela censura.¹⁹ [Freud,V,p.507] Em outras palavras, Freud rejeita a idéia do sonho como um ato psíquico defectivo; de resto, sua teoria exclui a possibilidade deste tipo de suceder. De certa forma, a exigência freudiana de sentido parece estar apoiada na postulação de um rigoroso determinismo psíquico²⁰ [nada há de arbitrário no domínio psíquico - *ibid.*, p.509] embora não exista nenhuma conexão lógica (necessária) entre ambas as suposições. Na medida em que vigoram leis estritas de associação de idéias, um pensamento sempre parte de um outro que o antecede, aproveitando um elemento não fixado por completo. Ademais, como todas representações estão em circuitos de eliminação, elas não são senão *representações-meta*, assim, o determinismo psíquico (nome dado a essa

¹⁹ O mecanismo descrito no *Projeto* é agora estendido ao sonho: como corolário da inevitabilidade da defesa primária, isto é, do impedimento absoluto da consciência de apreender a representação sexual em sua totalidade, a expressão do desejo infantil seria fragmentária por natureza.

²⁰ Como consequência, a consciência do determinismo psicológico estaria irremediavelmente atolada no mundo: "*Nous pouvons affirmer sans crainte que, si la conscience est une succession de faits psychiques déterminés, il est totalement impossible qu'elle produise jamais autre chose que du réel.*" [Sartre,1940, p.353]

tese) seria apenas um determinismo mecânico (cego) que gera a impressão de uma teleologia.

Segundo Freud, é impossível estabelecer um pensar sem representação-meta, exceto na falta de integridade orgânica do cérebro, com a ressalva adicional de que as representações-meta podem ser ignoradas pela consciência (*i.e.* inconscientes). [ibid.,p.522] A novidade é que estas não representam propriamente uma finalidade, mas na verdade a constituem. Daí decorre o fato de os enlaces associativos serem sempre significativos, a despeito de uma eventual aparência em contrário: *“Toda vez que um elemento psíquico se liga a um outro por uma associação chocante e superficial, existe também entre ambos uma ligação correta e profunda, submetida à resistência da censura.”* [ibid.,p.524] A seu turno, a censura seria incapaz de impedir o fluxo associativo, limitando-se apenas a abordar um complexo de representações a partir de um ângulo outro que o essencial. [ibid.] Modestamente, ela apenas forçaria, por assim dizer, um deslocamento do foco de atenção.

Foram apresentados, no decurso da análise da letra freudiana, três sentidos distintos assumidos pelo termo ‘representação’, a saber: 1-complexo associativo perceptual organizado, 2-traço mnêmico apto a substituir, sob certas circunstâncias, todo um conjunto de registros mnêmicos

referentes a uma situação com a qual está de alguma maneira relacionado e 3-meta do processo de pensar. Cabe estabelecer agora a articulação entre tais sentidos, antes de explorar as conexões lingüísticas, supostas pelo autor. Em primeiro lugar, é preciso afirmar que Freud rejeita a idéia de representação como imagem mental em moldes fotográficos, isto é, correspondente ponto a ponto com uma coisa ou evento (presente, por exemplo na concepção de Meynert). A ênfase sempre recai sobre a parcialidade dos registros mnêmicos (traços), a multiplicidade correlata dos sistemas de memória e, por conseguinte, a infinidade dos percursos associativos possíveis. Portanto, se a representação, de um lado, constitui-se a partir dos traços mnêmicos, de outro, não pode ser assimilada aos mesmos e, sobretudo, jamais pode ser dita acabada, uma vez sujeita a um processo associativo constante. Como, nesse contexto, perceber é associar imediatamente, o segundo sentido afigura-se um derivado lógico do primeiro. Tudo se passa como se do ponto de vista ontológico existisse um atomismo, mas do ponto de vista do fenômeno, o único para nós, tudo já estivesse associado; aliás, este é o papel das duas vivências fundamentais no *Projeto*. Ora, daí depreende-se o terceiro sentido, o termo 'representação-meta' traduziria, por assim dizer, 'representação originária', salientando, nesse caso, dois outros aspectos, a influência desigual exercida pela parte nuclear e pela parte do manto, correlativa da

diferença entre a coisa e seus predicados²¹, nesse processo e o caráter reconstrutivo deste, expresso na finalidade atribuída ao pensar, a busca da identidade. Assim, no plano mais básico, parece prevalecer o sentido de complexo associativo, ligado a resíduos sensoriais.

2. papel da linguagem

O entendimento do papel atribuído por Freud à associação lingüística exige, sem sombra de dúvida, um exame mais detido de certas questões suscitadas pelo *Projeto de uma Psicologia*, notadamente a da necessidade de um critério para diferenciar entre percepção e representação, ou, em outros termos, de um signo de realidade. Dada a disposição espacial dos neurônios - $\phi \psi \omega$ -, determinante do sentido do fluxo da quantidade, e o fato das sensações conscientes de qualidade, estando ω quase livre da quantidade, dependerem de um obscuro período, a memória é desprovida de qualidade: “*Essa propagação de qualidade não é duradoura, não deixa atrás de si nenhum traço, não é reproduzível.*” [Freud,1895,p.25] O reverso constitui a tese explícita de que consciência exclui memória. No esquema

²¹ Em *Sobre a Concepção das Afasias*, em uma referência a Mill (*A System of Logic*), Freud caracteriza a representação de objeto como um complexo associativo aberto, sua aparência de ‘coisa’ [Ding] dotada de ‘predicados’ [Eigenschaften] seria efeito das impressões sensoriais recebidas dos objetos [Gegenstände]. [Freud, 1891, p.79-80] No *Projeto*, para se formar uma representação qualquer é indispensável que ocorra a ligação de um neurônio do núcleo (componente constante da percepção - *coisa*) a um ou mais neurônios do manto (componente variável da percepção - *predicado*), onde são registrados tanto os acontecimentos internos como os externos. Como a cada nova percepção do objeto, novos neurônios do manto podem ser ocupados, tal circuito associativo tende a se ampliar indefinidamente. [Freud,1995,p.41-2]

proposto por Freud, a quantidade atinge ψ por duas vias distintas, a primeira delas diz respeito à proveniência do mundo externo através dos órgãos do sentido, quantidade essa de magnitude tal que obriga ϕ a funcionar como um crivo, no sentido de reduzi-la a uma fração correspondente à grandeza intercelular de estímulo. [ibid.,p.28] Para isso, a condução da quantidade de ϕ para ψ ocorre de forma singular, o número de caminhos percorridos é diretamente proporcional à intensidade do estímulo, de modo que “(...) quantidade em ϕ expressa-se em ψ por complicação.” [ibid.,p.29] A segunda via seria constituída pelos estímulos originados no interior do corpo (ditos endógenos), de ínfima magnitude (intercelular), que embora gerados continuamente, produzem efeitos psíquicos intermitentes (temos um processo de somação, atingindo periodicamente o limiar de permeabilidade neuronal). [ibid.,p.30] Da postulação destes dois percursos da quantidade decorre a suposição de uma divisão de ψ em dois grupos: “os neurônios do manto, ocupados a partir de ϕ , e os neurônios do núcleo, ocupados a partir das conduções endógenas.” [ibid.,p.29]

As considerações seguintes acerca das associações lingüísticas baseiam-se em larga medida no comentário de Gabbi Jr., publicado na forma de notas, como suplemento de sua recente tradução do *Projeto*. O propósito

deste autor é evidenciar os nexos entre o pensamento de John Stuart Mill e o de Freud, mostrando como a filosofia de Mill funciona como uma espécie de pano de fundo filosófico do *Projeto*. [Gabbi Jr.,1995,n.1,p.106-8] Além de realizar uma cuidadosa exegese, Gabbi Jr. reinterpreta o texto freudiano à luz de sua original sugestão da presença de um terceiro modelo explicativo no *Projeto*, além do mecânico e do biológico, inspirado no modelo do aparelho psíquico de *Sobre a Conceção das Afasias*, o (denominado pelo referido autor) modelo denotativo, baseado numa teoria da significação que pressupõe que “(...) a função da palavra seja denotar, indicar, um objeto.” [ibid.,n.281, p.174-5]

Na terceira e última parte do *Projeto*, Freud procura esclarecer o processo normal do pensar, isto é, o pensar secundário dependente da inibição exercida pelo eu. O mecanismo de atenção, que ensina tomar a eliminação da excitação ω como notícia de uma percepção para ψ , em outros termos, como signo de realidade, tem sua origem condicionada à necessidade biológica de se evitar o desprazer; o próprio autor admite sua dificuldade em oferecer uma explicação mecânica do mesmo. [Freud,1995,p.75] Como este mecanismo é correlato da tensão de apetite no eu, ele resulta incompatível com o pensar simplesmente observador, cuja meta é percorrer os caminhos a partir da percepção na totalidade de sua extensão, no sentido de esgotar o

conhecimento do objeto perceptual. [ibid.,p.78-9] “*Observemos que o tipo de pensar aqui descrito conduz ao reconhecer. Para tanto, é preciso de novo uma ocupação [Besetzung] para as imagens de recordação alcançadas, mas também um mecanismo que conduza essa ocupação para os lugares corretos.*” [ibid.,p.79] Freud prepara o terreno para introduzir a associação lingüística com a dupla incumbência de ser um signo de qualidade, proveniente portanto da percepção, e de propiciar uma memória do pensar. Indicamos na seqüência o significado da noção de ‘associação lingüística’.

Ao apresentar a associação lingüística como condição do pensar observador, Freud realiza uma clara remissão ao estudo sobre as afasias ao descrevê-la com o recurso da representação de palavra, apontando para a conexão entre imagens perceptuais (no caso, acústicas) e imagens motoras lingüísticas. [ibid.,p.79] Freud constrói sua justificativa em torno desta suposta especificidade: “*Estas associações levam vantagem sobre as outras em dois caracteres: são fechadas (pouco numerosas) e exclusivas. A partir da imagem acústica, a excitação chega, sem dúvida, à imagem de palavra e desta à eliminação.*” [ibid.] Consegue-se, assim, vincular a ocupação das imagens recordativas com notícias de eliminação, isto é, signos de qualidade na consciência. Além de permitir desse modo o reconhecimento, objetivo do pensar observador (consciente), a associação lingüística produz ainda um

outro rendimento notável, transformando uma determinada facilitação, resultado de uma ou mais percepções de intensidade variável, em memória: “(...), os signos de descarga lingüística *suprem esta falta, eles equiparam os processos de pensar aos processos perceptivos, proporcionam a eles uma realidade e possibilitam sua memória.*” [ibid.,p.80]

Ora, é preciso assinalar que, no esquema de aparelho psíquico sugerido pelo *Projeto*, as sensações corporais, sejam elas provenientes dos órgãos do sentido ou endógenas, equivalem a um acréscimo de quantidade, impondo desse modo sua derivação. Portanto, do ponto de vista econômico, a associação lingüística é vantajosa, de um lado, porque estas são dotadas de inervação motora e permitem uma certa descarga, cuja notícia fornece um sinal de qualidade, de outro, porque torna possível que o pensar consciente ocorra com um gasto motor mínimo. O grito, na vivência de dor, enquanto inervação lingüística originária, é o exemplo escolhido por Freud para ilustrar as propriedades citadas. [ibid.,p.80-1] De acordo com Gabbi Jr., a associação lingüística deve ser compreendida à luz do modelo presente em *Sobre a Concepção das Afasias*, havendo inclusive uma semelhança entre sua estrutura e a do sistema nervoso. [Gabbi Jr., n.386-389, p.197-8] Haveria, por assim dizer, uma ligação entre as sensações corporais e as representações de palavras, mediante uma imagem intermediária: “*Neste sentido, o primeiro*

elemento a ser constituído foi a sensação corporal, depois a sua imagem e, finalmente, a palavra. As duas últimas têm como elemento comum denotarem a sensação.” [ibid., n.393, p.199] Como Freud parece assimilar as palavras aos nomes, que significam apenas por meio da ligação com substantivos [Freud,1891,p.79], é plausível presumir com Gabbi Jr. [Gabbi Jr.,1995,n.256,p.167-9] que o sentido originário e literal das palavras, pressuposto por Freud ao longo de sua obra [cf. Banzato,1994,p.146-9], corresponda em suma às sensações corporais.²²

Embora existam referências esparsas às representações de palavra e de coisa na *Interpretação dos Sonhos* (1900), estas praticamente em nada modificam o teor das conjecturas contidas no *Projeto*. Somente em 1915, em um dos textos cruciais da metapsicologia, *O Inconsciente*, Freud reformula a disposição de seu sistema representacional, salientando uma vez mais a importância da associação lingüística na definição do caráter consciente de uma representação. Partindo de constatações sobre as

²² Adepto de um sensualismo radical, Stuart Mill toma a sensação como ponto de partida absoluto, responsável pela constituição tanto da coisa exterior como da unidade do eu. [Giannotti,1964,p.43] Ocorre que esse processo de constituição, de natureza associativa, requer um invariante para manter a distinção entre as sensações inseridas nos diversos circuitos associativos e sustentar a oposição entre espírito e matéria. [ibid.,p.108] A solução adotada consiste em vincular a perdurabilidade do objeto à relação com a palavra, apta doravante a desencadear em pensamento os efeitos do respectivo complexo constituinte de sensações. [ibid.,p.109] O problema do sistema desse filósofo utilitarista, segundo a perspectiva fenomenológica, seria o fato dele conceber (conforme uma tendência profundamente enraizada na tradição do empirismo inglês) tanto a sensação como a representação como substitutos mentais de algo exterior. [ibid.,p.45].

alterações da linguagem na esquizofrenia, a saber: alusões a órgãos e inervações corporais (*linguagem de órgão*), interpretação literal das expressões e, notadamente, o tratamento de coisa que as palavras recebem (estando sujeitas, por este motivo, ao processo psíquico primário, responsável pela criação das imagens dos sonhos) [Freud, XIV, p.194-6] Freud sugere que tudo transcorre como se a representação de palavra predominasse sobre a representação de coisa, ou mesmo procurasse compensar sua ausência. [ibid., p.197] Eis sua conclusão inspirada pelos exemplos clínicos analisados, que ultrapassa tanto o ponto de vista tópico como o dinâmico: “*O que chamamos representação de objeto [Objektvorstellung] consciente agora se decompõe em representação de palavra [Wortvorstellung] e em representação de coisa [Sachvorstellung], que consiste na ocupação [Besetzung], senão da imagem mnêmica direta da coisa, ao menos de marcas mnêmicas mais distantes, derivadas dela. De súbito, cremos saber agora onde reside a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. Elas não são, como pensávamos, diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de ocupação no mesmo lugar, senão que a representação consciente compreende a representação de coisa mais a correspondente representação de palavra, e a inconsciente é a representação de coisa isolada. O sistema Inconsciente*

contém as ocupações de coisa dos objetos, que são as ocupações primeiras e genuínas; o sistema Pré-consciente nasce quando esta representação de coisa é sobreocupada pela ligação com as representações de palavra que lhe correspondem.” [ibid.,p.197-8]

A repressão, nesse novo contexto, é identificada com a impossibilidade de tradução da representação em palavras. [ibid.,p.198] Ao justificar a primazia das representações de palavras, cuja origem também é sensorial (imagens acústicas), sobre os demais resíduos perceptuais, Freud faz uma remissão implícita ao texto, inédito na época, do *Projeto*: “*Por que as representações de objeto não podem se tornar conscientes por meio de seus próprios restos de percepção? É que provavelmente o pensar desenvolve-se dentro de sistemas tão afastados dos restos de percepção originários que nada tenham conservado de suas qualidades, e para se tornarem conscientes necessitam de um reforço de qualidades novas.*” [ibid.,p.199] Freud menciona ainda o fato das representações de palavra serem indispensáveis para expressar a relação entre as representações de objeto, um dos principais componentes de nosso pensamento e desprovido por natureza de qualidades perceptuais. [ibid.]

Em seu livro sobre os chistes (1905), Freud havia ressaltado, ao lado da equivocidade, a plasticidade das palavras: “*As palavras são um*

material plástico [plastisches Material] *que se presta a tudo.*" [Freud,VIII, p.34] Mais tarde, no *Complemento Metapsicológico sobre a Doutrina dos Sonhos* (1915), Freud afirmou como as palavras nos sonhos estão sujeitas ao apelo de figurabilidade: "[o trabalho do sonho] (...) *a todo momento está disposto a permutar entre si as palavras até achar aquela expressão que oferece o pretexto mais favorável para a figuração plástica* [plastischen Darstellung]." [Freud,XIV,p.227] Um pouco adiante, lemos que as palavras nos sonhos representam apenas preparativos para a regressão à coisa concreta. [ibid.,p.228] A tensão entre o aspecto material e o aspecto semântico da palavra parece ser um ponto comum aos sonhos, chistes e linguagem esquizofrênica, não obstante as soluções específicas de cada caso. É preciso lembrar da advertência freudiana de que as palavras, enquanto imagens, sofrem das mesmas vicissitudes das coisas. [Freud,IV,p.302] Nos sonhos e nos chistes, a palavra ao menos possui uma referência, o que permite sua compreensão dentro de limites impostos. Na esquizofrenia, dada a falta da referência à coisa, a situação é sensivelmente mais complicada: por um lado, de modo vicário, as palavras são tratadas como coisas, isto é, como portadoras de um significado concreto, de outro, as coisas concretas são tratadas de forma abstrata, pois as palavras não mais remetem a realidade

alguma. Aliás, segundo a nota irônica de Freud, esta última frase definiria o risco filosófico por excelência.

3. estatuto ontológico da representação

Dados os pressupostos explicitados até agora, parece bastante razoável discutir a pretensão realista da própria teoria freudiana. Uma vez que Freud insiste no caráter metafórico das construções tópicas na metapsicologia, é preciso identificar o estatuto ontológico da representação em sua teoria. O ponto de partida da investigação seria a relação de complementaridade sugerida pela figuração do aparelho psíquico em instâncias e pela acomodação das representações em diferentes sistemas, a saber, a de **continente-conteúdo**. Em outros termos, a questão recai sobre as conseqüências da utilização de um vocabulário espacial para a descrição da esfera psíquica (mental), concebida em torno da idéia de interioridade. Este uso irrefletido de uma terminologia emprestada do mundo físico repousaria enfim, segundo críticas formuladas mesmo por tradições filosóficas antagônicas, numa suposta confusão categorial que seria a fonte, por assim dizer, da ilusão de imanência no plano mental. Discuto a seguir duas dessas críticas, a primeira delas, a da fenomenologia, situada na esteira do modo de

pensar cartesiano, a segunda, a da filosofia analítica, localizada justamente nos seus antípodas.²³

Sartre, inspirado pela fenomenologia husserliana, publicou em 1936 um valioso estudo intitulado *L'imagination*, onde explora o significado filosófico da distinção entre existência como coisa e existência como imagem, questão crucial, como vimos, não tematizada na metapsicologia freudiana. Seu objetivo é apreender o peculiar modo de ser da imagem, sua relação com as coisas (formas inertes) e com a consciência (pura espontaneidade), mas ciente da dificuldade da empresa, adverte: "*Il y faut de la contention d'esprit; il faut surtout se débarrasser de notre habitude presque invincible de constituer tous les modes d'existence sur le type de l'existence physique.*" [Sartre,1936,p.3] Trata-se, sobretudo, de desfazer o engano que consiste precisamente em considerar a imagem, enquanto cópia da coisa, uma outra coisa, que padeceria de uma espécie de inferioridade metafísica (algo assim como uma coisa menor) e manteria relações *externas* com a primeira. [ibid.,p.5] A tese defendida por Sartre é a seguinte: sucumbir à denominada *metafísica ingênua da imagem* significa, em última instância, renunciar à possibilidade de distinguir as imagens das coisas e, com isso, de reconhecê-

²³ Procuramos, através do recurso a Sartre e Ryle, fundamentar a suspeita de que, em virtude de prejuízos filosóficos freudianos, este espaço virtual termine incumbido de alojar conteúdos concretos.

las como imagens. [ibid.,p.4] Para demonstrar essa tese, Sartre examina as soluções presentes nos grandes sistemas metafísicos desde o século XVII.²⁴

De acordo com a separação estabelecida por Descartes entre mecanismo e pensamento, a imagem pertenceria ao domínio corporal (isto é, reduzido ao mecânico) posto que decorre da ação de corpos exteriores sobre a nossa sensibilidade. [ibid.,p.7] A imagem, enquanto objeto material, estaria situada no limite da exterioridade. [ibid.] Entretanto, para Descartes, a impressão material produzida através dos órgãos do sentido não passa de mero substrato para o pensamento, pois não há consciência passiva da imagem, mas, ao invés, uma operação realizada pelo entendimento. [ibid.,p.7-8] Como, nesse caso, não existe propriamente uma correlação entre o que ocorre no corpo e o que se passa na alma, o julgamento da realidade dos objetos dependeria em suma de uma suposta coerência intelectual das imagens em questão. [ibid.,p.8] Entretanto, esta separação radical promovida por Descartes entre os domínios do pensamento e da imagem, será parcialmente revista no interior de sistemas filosóficos subseqüentes, como os de Spinoza e de Leibniz.

²⁴ O objetivo da longa digressão (sartriana) que se segue é mostrar como o princípio de imanência esteve profundamente arraigado na tradição filosófica moderna, nesse ponto, homenageada por Freud inclusive.

Spinoza, embora conserve a imagem no âmbito das afecções corporais e mantenha a primazia do entendimento no que se refere à discriminação das imagens verdadeiras, atribui à imagem propriedades das idéias: a imagem seria uma espécie de idéia confusa, um aspecto degradado do pensamento, mas ainda assim partilharia de sua essência e, por essa razão, não haveria impedimento formal para a passagem da imaginação para o entendimento. [ibid.,p.9] Leibniz, a seu turno, procura estabelecer a continuidade entre ambos os modos de conhecimento, imagem e pensamento. Tratando a imagem como signo, este autor sustenta um associacionismo peculiar, localizado na alma e baseado nas relações necessárias das verdades postas pela razão. [ibid.,p.10] Em sua concepção intelectualista, tanto as idéias como as imagens são expressivas, havendo entre elas apenas uma distinção quanto ao grau de clareza, traduzida em termos de uma diferença matemática: “(...) *l'image a l'opacité de l'infini, l'idée la clarté de la quantité finie et analysable.*” [ibid.,p.11]

Decerto os sistemas de Spinoza e de Leibniz colocam em xeque a exata separação cartesiana entre pensamento e imaginação, mas é Hume afinal quem promove a verdadeira reviravolta conceitual ao reduzir todo pensamento ao sistema de imagem, nas palavras de Sartre: “*Il n'existe dans l'esprit que des impressions et des copies de ces impressions qui sont les*

idées et qui conservent dans l'esprit par une espèce d'inertie; idées et impressions ne diffèrent pas en nature, ce qui fait que la perception ne se distingue pas elle-même de l'image." [ibid.,p.13] Entretanto, se de um lado, a solução humeana explica as associações entre as impressões por relações de contigüidade ou de semelhança, de outro, pressuposta a estabilidade de tais objetos internos, ela não esclarece o mecanismo responsável pela consciência seletiva e intermitente dessas impressões. Em outras palavras, dado o fluxo associativo mecânico e incessante estabelecido entre as imagens armazenadas em algum 'lugar' fora da consciência, como explicar a atenção consciente que destaca uma determinada imagem sobre um fundo neutro? A opção humeana de conceder à experiência uma precedência epistemológica absoluta termina por fazê-lo reconhecer um único modo de existência, o das coisas. À versão psicológica dessa doutrina ontológica dá-se o nome de associacionismo.

Não obstante as diferenças apuradas dentre as soluções propostas pela filosofia clássica para o problema do estatuto da imagem (reino do pensamento separado do reino da imagem, um mundo de fatos-imagens, um mundo de puras imagens) haveria um pressuposto básico comum a todas elas: "*Dans ces trois solutions, l'image garde une structure identique. Elle reste une chose. Seules ses relations à la pensée se modifient suivant le point de vue qu'on a pris sur les rapports de l'homme avec le*

monde, de l'universel avec le singulier, de l'existence comme objet avec l'existence como représentation, de l'âme avec les corps." [ibid.,p.19] Ora, esta convergência fundamental entre correntes filosóficas rivais parece exprimir um acordo tácito acerca da suposição de um 'mundo interior', povoado de 'objetos internos', constituídos à semelhança das coisas físicas. Eis, em resumo, a armadilha teórica à espreita de todo projeto de constituição de uma psicologia: delimitar o desdobramento legítimo dessa metáfora da espacialidade interior.

A *démarche* sartriana iniciada em *L'imagination* (1936) prossegue em *L'imaginaire* (1940), onde suas teses acerca da *ilusão de imanência* encontram pleno desenvolvimento. Logo nas primeiras páginas, seu alvo é delineado com precisão: "*Au premier coup d'oeil de la réflexion, nous allons nous apercevoir que nous commettions jusqu'ici une double erreur. Nous pensions, sans même nous en rendre compte, que l'image était dans la conscience et que l'objet de l'image était dans l'image. Nous nous figurions la conscience comme un lieu peuplé de petits simulacres et ces simulacres étaient les images.*" [Sartre,1940,p.17] Um pouco adiante, o autor revela os contornos do problema resultante: "*Et cependant, si nous acceptons l'illusion d'immanence, nous sommes nécessairement conduits à constituer le monde de l'esprit avec des objets tout semblables à ceux du monde*

extérieur et qui, simplement, obéiraient à d'autres lois." [ibid.,p.20] Trata-se, em consonância com o projeto da fenomenologia husserliana, de substituir uma determinada 'imagem mental de x' pela 'consciência de x em imagem', isto é, de mostrar que a imagem é uma forma peculiar de consciência e que, como tal, prescinde por completo de metáforas espaciais para sua figuração. [ibid.,p.21 e 37]

A presença, por assim dizer, de conteúdos sensíveis inertes na consciência (ou no inconsciente), isto é, de imagens ou representações não assimiladas integralmente aos seus substratos fisiológicos, combinados segundo leis associativas estritas, decorre em suma da postulação de uma teoria realista da memória e atende aos reclamos de uma psicologia científica cuja meta é reduzir a vida psíquica a determinados mecanismos. Contra esse psicologismo baseado na suposição de 'conteúdos concretos da consciência', Husserl promove um deslocamento de ênfase, da representação como produto para o ato de representar, isso posto, existiria uma esfera transcendente de significações²⁵ que são 'representadas', não existindo como 'representações', em correspondência com aqueles estados psíquicos especiais, os estados de

²⁵ Esfera constituída pelo conjunto do que é passível de ser visado pela consciência, de ser tomado pela mesma como objeto.

consciência que *representam* a si essas significações.²⁶ [Sartre,1936,p.73-4]

O desafio a que Husserl se entrega, em poucas palavras, é fazer com que a imagem exista segundo o modo de ser da consciência, sem precisar portanto habitá-la enquanto coisa. Eis o dilema resumido por Sartre: “*Si l'on soustrait, en effet, l'image à la conscience, on enlève à cette dernière toute sa liberté. Si on l'y fait entrer, tout l'univers entre avec elle et la conscience se solidifie d'un seul coup, comme une solution sursaturée.*” [ibid.,p.128] O mérito da concepção de Husserl repousa em sua compreensão de que para desfazer a ilusão de imanência da imagem, é preciso antes combater com vigor a premissa atomística no plano psíquico. A crítica husserliana da ‘representação clássica’ não se limita, porém, ao ‘prejuízo’ de imanência, atingindo também a própria idéia de objeto transcendente, “(...) *como um em-si para além de sua manifestação.*” [Moura,1989,p.171] Recusa-se assim seu pressuposto básico: “(...) *uma separação real sempre possível entre a coisa e suas manifestações.*” [ibid.,p.172]

Gilbert Ryle, em *The Concept of Mind* (1949), explora a outra vertente da figuração do psiquismo em instâncias, a saber, a idéia da mente concebida em termos espaciais, cujas conseqüências podem ser verificadas

²⁶ Para Brentano, trata-se do mesmo ato, a consciência de uma representação sempre coincide com a consciência dessa consciência. [Brentano(1874),1944,p.139] O que varia é o modo, enquanto o objeto

através do exame da antítese metafórica externo-interno. O foco recai agora sobre o arcabouço continente. Ryle pretende denunciar a mitologia instaurada pela apresentação de fatos pertencentes a uma categoria no idioma apropriado a uma outra. [Ryle,1949,p.10] No caso, sua tese principal, contra Descartes, consiste em negar que os dois modos de existência, físico (matéria) e mental (consciência), representem faces de uma mesma moeda. [ibid.,p.14-5] Segundo o autor, Descartes teria incorrido no seguinte erro categorial: “*The belief that there is a polar opposition between Mind and Matter is the belief that they are terms of the same logical type.*” [ibid.,p.23] Admitida esta oposição, soa sedutora a idéia de uma descrição em negativo da mente, por contraste com os corpos. Tal paralelo com o mundo físico conduziria à crença no determinismo no mundo mental, apoiada, a seu turno, na construção de uma hipótese para-mecânica. Ryle assim batiza o mito cartesiano da máquina espectral: *the dogma of the Ghost in Machine.* [ibid.,p.17]

Formuladas suas objeções à confusão categorial reinante no que tange à concepção de mente, Ryle analisa em pormenor a gramática de diversas expressões usuais, tributárias desse mesmo engano, como por exemplo ‘*in my head*’ ou ‘*in the mind*’, mostrando que o uso das mesmas é

pode ser visado tanto *in recto* como *in obliquo*, a consciência apreender-se-ia somente *in obliquo*. [Cf. *Apêndice de 1911 à Classificação das Ciências in Brentano, 1944,p.274-6*]

sempre dispensável, pois se não indicam lugar algum, tampouco informam algo sobre o aparato instrumental envolvido no pensamento. O autor em questão rejeita a idéia de ‘processos ocultos’ (ocorrendo em um palco interno) cujo ‘acesso privilegiado’ seria facultado ao sujeito pela via da introspecção.²⁷ Ryle pretende também evidenciar a influência desses mitos sobre a ciência, assim, fazendo eco às advertências wittgensteinianas do TLP, afirma acerca dos limites das leis físicas: “*The laws that they have found and will find may, in one sense of the metaphorical verb, govern everything that happens, but they do not ordain everything that happens. Indeed they do not ordain anything that happens. Laws of nature are not fiats.*” [ibid.,p.74] É difícil não lembrar da psicanálise freudiana diante da seguinte observação: “*Abandonment of the two-worlds legend involves the abandonment of the idea that there is a locked room and a still to be discovered key.*” [ibid., p.302] Contudo, Ryle exorta a psicologia, ao abrir mão do espectral, a não restringir sua tarefa às descrições meramente mecânicas.²⁸ [ibid.,p.309]

²⁷ “*The Cartesian conception of first-person authority encourages the idea that the mind is like a theatre whose show can only be witnessed by the subject whose theatre it is.*” [Guttenplan,1994,p.291]

²⁸ A propósito, analisando os limites do paralelo com a fenomenologia esboçado por esse autor acerca da questão da imaginação, Prado Jr. sugere que Ryle e Sartre, a despeito do fato de pertencerem a diferentes tradições filosóficas, “(...) *partilham de certo pressuposto que os condena igualmente a uma concepção cognitivista da psicologia.*” [Prado Jr.,1982,p.26] O problema de ambos os projetos (de esclarecimento conceitual de noções utilizadas pela psicologia de ambição científica), o falso conflito entre descrição de essência (análise de linguagem) e descrição empírica do mundo, derivaria enfim da hesitação “(...) *em abandonar a oposição clássica entre o real e o imaginário.*” [ibid.,p.38-9]

4. crítica de Wittgenstein à idéia de 'saber privado'

As observações de Ryle retomam de certa maneira uma das principais preocupações filosóficas de Wittgenstein, tido por Bouveresse como o autor da mais profunda crítica ao modo de pensar cartesiano. [Bouveresse,1987,p.9-10] A Wittgenstein interessa sobretudo mostrar o caráter facultativo das figurações filosóficas, como, por exemplo, aquela que nos apresenta os processos mentais como sendo 'interiores' e 'privados', diretamente acessíveis ao sujeito através de uma faculdade introspectiva infalível concebida segundo o modelo da percepção imediata. [ibid.,p.11-12] Para o filósofo vienense, esta é apenas uma forma de descrição entre outras possíveis e, embora possua inegável apelo, deve porém conservar sempre seu cunho optativo, sob risco de engendrar toda uma mitologia.

Ao investir contra a idéia de um saber privado, resultante da concepção da consciência como 'sentido interno', o autor das *Investigações Filosóficas* pretende atingir o cerne da noção de evidência da tradição cartesiana, entendida como presença imediata e integral na consciência da coisa concernente. [ibid.,p.20] Assim, ao invés de fundar a racionalidade na 'visão clara e distinta' das idéias por parte de um sujeito transcendental, Wittgenstein faz da atividade intersubjetiva de 'mostrar', mediada pela linguagem e organizada por regras, a pedra de toque de sua filosofia.

Em seu paciente trabalho de investigação conceitual, Wittgenstein procura mostrar que a idéia de ‘conhecimento’ privilegiado e imediato das operações do nosso espírito não passa de um mito filosófico, sendo talvez o mais arraigado deles. [Bouveresse,1987,p.77] Ao reconhecer a assimetria existente entre enunciados envolvendo verbos psicológicos na primeira e na terceira pessoa do singular do presente, Wittgenstein aponta para uma diferença de ordem *gramatical*: no primeiro caso, temos uma ‘exteriorização’ [*Äußerung*], no segundo, uma descrição [*Beschreibung*]. [Zettel,§472,p.84] Isto significa, em outros termos, a recusa cabal de sua parte em conceder primazia epistemológica à primeira pessoa, denunciando tal concepção como fundada de modo equivocado na crença de uma correspondência do significado com um ‘objeto mental’ privado, ou seja, na suposição de uma espécie de referencialismo internalizado. Aliás, a própria noção de ‘sujeito’ não encontra respaldo na filosofia de Wittgenstein, ‘sujeito’ seria apenas o nome de mais uma ilusão decorrente de um hábito lingüístico inveterado. [Bouveresse,1987,p.155]

5. síntese da posição freudiana

Realizada a incursão por outros autores, no sentido de delimitar as questões filosóficas em disputa, cumpre agora retornar a Freud e analisar as especificidades de sua teoria. O primeiro tópico a ser considerado é o

compromisso freudiano com o vocabulário da interioridade. Não há dúvida acerca do projeto psicanalítico de constituir uma ciência dos processos psíquicos, cuja pretensão explicativa focalize sobretudo o que existe de oculto e misterioso na vida anímica. Todavia, também é correto afirmar que Freud desqualifica a autoridade do sujeito para decidir sobre a verdade concernente aos fenômenos que sucedem em seu 'interior'. Assim, embora a consciência conserve o *status* de 'sentido interno', ela deixa de abarcar o todo da vida psíquica, perdendo portanto sua condição de critério infalível da razão.²⁹ Do mesmo modo, conquanto o eu permaneça uma instância mediadora indispensável, com maior ou menor grau de autonomia, ele é obrigado, por outro lado, a renunciar ao posto de unidade sintética.

Eis, em resumo, o quadro inusitado proporcionado pela psicanálise: adotando a neutralidade ontológica do fenomenismo e aderindo ao associacionismo (que identifica os modos de ser dos fatos psíquicos e das coisas), Freud figura a idéia de 'interioridade' em termos tópicos (esvaziando, contudo, as noções de 'consciência' e de 'eu') e formula uma teoria realista da memória baseada no *sense datum*. Além disso, talvez essa seja sua

²⁹ O problema é que sequer o presente pode ser contemplado na íntegra, pois ele resulta de um jogo de forças em que intervêm moções do passado que jamais foram conscientes. Confronte-se com a psicologia de Brentano, onde a dificuldade é de outra ordem: a percepção interna continua infalível, mas a 'observação interna' é rejeitada como falácia. [Brentano(1874),1944,p.53-4] A questão, neste contexto, é contornar as virtuais ilusões da memória, único meio de atingir o conhecimento dos fatos psíquicos.

principal singularidade filosófica: combinar a construção de uma psicologia explicativa em terceira pessoa com uma concepção ‘referencial’ do significado do tipo mentalista. Todavia, segundo Wittgenstein mentalismo e referencialismo: “(...) *nascem da visão comum de que a função básica da linguagem consiste em representar uma realidade, interna ou externa, mental ou física.*” [Faustino,1995,p.57] Por conseguinte, Freud recairia, por assim dizer, em um **referencialismo internalizado**³⁰ em virtude de sua concepção da linguagem como representação, isto é, de sua adesão implícita, na mesma trilha das clássicas filosofias da representação, à assim denominada por Wittgenstein ‘imagem agostiniana da linguagem’.

³⁰ “(...) *nele, a referência ontológica desloca-se do mundo dos fatos e objetos reais para a consciência ou a mente do sujeito, o mundo dos fatos e objetos mentais.*” [Faustino,1995,p.57]

Capítulo II - consciência

“O ponto de partida para esta indagação é dado pelo fato da consciência, fato sem comparação, que desafia todo intento de explicá-lo e descrevê-lo. E, todavia, se alguém fala de consciência, sabe de maneira imediata e por sua experiência pessoal mais genuína o que se entende por isso.” [Freud, Esquema de Psicanálise (1938), AE - XXIII, p.155]

“Even though the world is material and all its phenomena, including human consciousness, are products of material forces, we should not confuse the way the world is with our ability to know about it. Like it or not, there are a lot of questions that cannot be answered, and even more that cannot be answered exactly. There is nothing shameful in that admission.” [R.C. Lewontin - ‘Sex, Lies and Social Science’: An Exchange - The New York Review of Books - May 25 1995 - p.44]

Em diversas passagens de sua obra, Freud apresenta a doutrina psicanalítica como o desmentido empírico cabal da equiparação filosófica entre psíquico e consciente, revelando seu desígnio de salvaguardar o direito de cidadania psíquica, por assim dizer, das representações ‘armazenadas’ na memória. A compreensão dessa tese exige, no entanto, o entendimento prévio dos sentidos atribuídos à consciência em sua teoria. Acreditamos não cometer nenhuma violência sugerindo a distinção entre dois sentidos: consciência perceptiva e consciência de representação (ou cognitiva).³¹ Não se trata porém, para o referido autor, de simplesmente modificar o ‘critério’ para a

definição de psíquico (extensão do conceito, matéria de convenção) [Freud, XIV,p.163], o criador da psicanálise pretende enunciar uma proposição factual ao afirmar a existência da vida mental inconsciente, como ilustra a seguinte passagem de cunho retórico: “*O médico e o filósofo somente concordam se ambos reconhecem que ‘processos psíquicos inconscientes’ são ‘a expressão adequada e plenamente justificada de um fato efetivo’.*” [Freud,V,p.599] No presente capítulo, analisamos os argumentos freudianos mobilizados neste pleito e, acima de tudo, procuramos identificar o papel exercido na teoria psicanalítica pela noção remanescente de ‘consciência’.

No capítulo anterior, dedicado ao estudo da noção de ‘representação’, afirmamos ser a teoria freudiana fundamentalmente uma teoria da memória³², devendo como tal privilegiar a estase temporal do passado. Segundo Sartre, este artifício de contemplar o psíquico *no passado* é o principal responsável pela redução da consciência a mera qualidade, operada por determinadas doutrinas psicológicas. [Sartre,1943,p.155] Decerto a psicanálise inclui-se nesse rol. Todavia, a noção de ‘consciência’ de Freud possui ao menos duas especificidades filosóficas negativas que a

³¹ Em português, a palavra consciência aparece também na expressão ‘consciência moral’, a língua alemã, entretanto, diferencia claramente os dois primeiros casos (Bewußtsein) desse último (Gewissen). O problema da consciência moral na teoria freudiana é examinado no terceiro capítulo.

tornam singular, a saber, aparentemente não está povoada por 'objetos internos' (isto é, não consiste em um reservatório de imagens ou representações - porventura o caso do inconsciente) e não se confunde com um órgão de conhecimento imediato do todo da vida psíquica. É preciso, portanto, seguir os passos de Freud para entender o significado teórico desta intrigante noção.

A seção F do capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* parece constituir um ponto de partida apropriado para nosso intento. Desde o *Projeto*, Freud já havia rejeitado diversas hipóteses sobre a consciência, como a da identidade entre psique e consciência e a de que (em uma teoria mecanicista avançada) ela seria somente um aditivo dispensável aos processos fisiológicos-psíquicos, resumindo-se a uma simples espécie de epifenômeno. Sua concepção estaria situada entre ambas. [Freud,1995,p.25] Para nosso autor, os processos psíquicos são em si inconscientes, mas provocam efeitos na consciência, estes sim, em certa medida, observáveis e passíveis de comunicação. Entretanto, não se pode de maneira alguma afirmar que as manifestações conscientes traduzam ou correspondam aos processos inconscientes, pois não existe garantia alguma de que ambos compartilhem o

³² Cabe uma ressalva nesse ponto: não se trata primordialmente da elucidação dos mecanismos envolvidos na formação da memória, interessa sobretudo explicar a 'ação' atual das representações pretéritas não

mesmo caráter psíquico³³. [Freud, V, p.600] Existiriam obstáculos de diversas naturezas limitando o acesso a esses processos inconscientes, entre eles, escrúpulos morais (pasmé) também inconscientes. Eis, portanto, a primeira novidade filosófica, a consciência cognitiva, mediada pela linguagem e opacificada pelo compromisso moral, pouco informa acerca da vida anímica. Para superar tal limitação é necessário conduzir um processo de inferência a partir dos dados fornecidos pela mesma. [ibid.] E adotar tal procedimento, significa nada menos que enunciar uma psicologia em terceira pessoa.³⁴

1. consciência como 'sentido interno'

A seguinte analogia atravessa toda a elaboração freudiana e ajuda a esclarecer sua peculiar posição, onde a consciência, permanecendo como órgão da percepção interior, cumpre um papel determinante sem, no entanto, confundir-se com a autoconsciência da filosofia clássica: “O inconsciente é o psíquico verdadeiramente [eigentlich] real [reale], *nos é tão desconhecido em sua natureza interna como o real [Reale] do mundo exterior, e nos é dado [gegeben] pelos dados [Daten] da consciência de maneira tão incompleta como o é o mundo exterior pelas indicações de*

conscientes.

³³ Após admitir a condição psíquica do processo inconsciente, Freud mostra-se cauteloso, evitando sua assimilação integral ao processo consciente usual.

³⁴ Na história de constituição da doutrina, todavia, a psicologia em terceira pessoa, presente desde o início, parece decorrer sobretudo do viés médico de Freud.

nossos órgãos sensoriais.” [ibid.]³⁵ A consciência transforma-se em um ‘órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas’ e o próprio aparelho psíquico passa a funcionar como ‘mundo exterior’ para a consciência. [ibid.,p.603] Ora, essa comparação está longe de ser inócua: ao apontar para uma realidade ‘interior’ em-si, constituída segundo o modo das coisas, a tese do prejuízo da imanência ganha força. Retomando um tópico do *Projeto*, Freud atribui à consciência (que proporciona a série qualitativa) o mecanismo de regulação mais fina da ocupação (das representações), a contrapelo do automatismo implicado no princípio do desprazer. [ibid.,p.604] Esta nova série qualitativa seria uma exclusividade humana, dotando o processo de pensamento de um outro tipo de qualidade - além daquele derivado da série prazer/desprazer-, através da ligação com recordações de palavras [Worterinnerungen]. [ibid.,p.604-5] Prepara-se, assim, o terreno para o advento da consciência cognitiva.

Antes porém de prosseguirmos com o exame da noção psicanalítica de ‘consciência’, é preciso analisar o significado do termo ‘inconsciente’ no interior da doutrina freudiana. Em primeiro lugar, salienta

³⁵ Brentano recusa de antemão a base sobre a qual repousa essa analogia, a atribuição kantiana de uma mesma verdade fenomenal às percepções internas e externas: “*A verdade fenomenal dos fenômenos físicos exige com efeito a verdade real dos fenômenos psíquicos; se os fenômenos psíquicos não existissem na realidade, nem os fenômenos físicos, nem os eventos psíquicos existiriam, mesmo a título de fenômenos.*” [Brentano(1874),1944,p.179]

Freud, não se trata apenas do oposto da consciência, admitido sem problemas inclusive pelo senso comum, mas de uma separação entre Icc (não suscetível de consciência) e Prcc (submetido ao controle de uma suposta censura). [ibid.,p.602] Encontram-se, a seguir, as justificativas freudianas para a ultrapassagem dos sentidos descritivo e sistemático rumo ao sentido dinâmico do termo.³⁶

Em diversas ocasiões, Freud apresentou argumentos em favor da concepção dinâmica do inconsciente, pedra angular de sua teoria, sendo estes provenientes de variadas fontes: da vida normal às condições patológicas, passando inclusive pela situação experimental. Ele considera a suposição do inconsciente *necessária e legítima*, alegando possuir *provas* de sua existência. Do cotidiano, Freud menciona o fato de os dados da consciência serem lacunares, os pensamentos que afloram sem vestígios de preparação³⁷, os sonhos e os atos falhos, cuja consideração enquanto atos psíquicos plenos resulta em um ganho de sentido e de coerência. Os sintomas histéricos de origem psíquica e os fenômenos obsessivos, de sua parte, revelariam claramente a influência de representações inconscientes sobre a vida anímica.

³⁶ Sartre recusa a própria idéia de uma causa exterior do evento psíquico (isto é, consciente) seja uma perturbação orgânica, uma pulsão inconsciente ou mesmo uma outra '*erlebnis*'. [Sartre,1943,p.20-1] A razão para se abandonar o determinismo materialista da consciência, com suas respectivas leis, é que a consciência, segundo este autor, é pura aparência, não substância. [ibid.,p.23] Aliás, inúmeros equívocos teriam origem justamente na interpretação substantivista da *res cogitans* cartesiana.

E, por fim, como o próprio Freud reconhece, o argumento decisivo (historicamente ao menos), o experimento de Bernheim da sugestão pós-hipnótica, que mostra como uma ação eficiente pode ser provocada por idéias inconscientes, no caso, produzidas artificialmente a partir de sugestões. [Freud,XII,p.272-3, Freud,XIV,p.163 e Freud,XXIII,p.285-7] A legitimidade da suposição, por sua vez, é justificada através de uma linha distinta de raciocínio: assim como a atribuição de consciência a outrem é feita por analogia e obedece ao princípio de inteligibilidade, a psicanálise pede que façamos o mesmo em relação aos nossos atos incompreensíveis, como se houvesse uma segunda 'inteligência'³⁸ independente em nosso interior, com a ressalva de que esta não seria um simples desdobramento da consciência, pois lhe falta a principal característica, o acesso imediato de seu portador. [Freud,XIV,p.165-6] Em outras palavras, esta outra instância possui um estatuto bastante peculiar, pois uma consciência que se ignora jamais pode ser considerada enquanto tal. [Freud,XII,p.274]

Retomando a suposta relação analógica existente entre, de um lado, *consciência / estados anímicos inconscientes* e, de outro, *órgãos sensoriais / mundo exterior*, Freud utiliza a advertência kantiana, contrária à

³⁷ O trabalho de elaboração do pensar seria inconsciente em larga medida.

identificação da percepção com o percebido incognoscível, para declarar na mesma linha: “*Como o físico, tampouco o psíquico é necessariamente na realidade tal como nos aparece.*” [Freud,XIV,p.167] Contudo, a obscura afirmação freudiana de que a percepção interior pode, de alguma forma, ser emendada³⁹ e que, portanto, o objeto interior [innere Objekt] em tese seria menos incognoscível que o mundo exterior [Außenwelt] [Freud,XIV,p.167], provavelmente não se afasta muito da exigência brentaniana da verdade fenomenal dos fenômenos psíquicos (vide nota 35), embora reformulada aqui para satisfazer a separação metapsicológica entre psique e consciência.⁴⁰

2. oposição entre percepção e memória

Apesar da tópica freudiana prescindir de referências anatômicas, conforme Freud frisou por diversas vezes [cf. Freud,V,p.529 e Freud,XIV, p.170], sua divisão do aparelho psíquico em sistemas, desde o *Projeto*, está organizada em torno da polaridade vigente entre as funções de percepção e memória. Nessa época, diversas psicologias naturalistas tomaram como ponto de partida esta oposição de origem biológica entre a *sensibilidade*, situada na periferia e inalterável, e a *memória*, localizada na profundidade, armazenando

³⁸ O termo ‘inteligência’ se justifica em função da dupla suposição de um desígnio próprio e do controle dos meios para sua realização.

³⁹ Trata-se da diferença entre dois modos de conhecimento: por percepção e por inferência. Freud seguramente privilegia o segundo.

impressões indeléveis. Até mesmo a analogia com o dispositivo fotográfico (lente e placa) aparece como recorrente nessa literatura, sendo empregada inclusive no livro supracitado *Le Sommeil et les Rêves*. [Delboeuf,1885, p.158] Depois de tentar descrever o funcionamento da consciência nos moldes mecânicos da percepção [Freud,V,p.603], Freud termina por aproximar, ou mais precisamente, por fazer coincidir, no sentido sistemático, percepção e consciência, atribuindo a este novo sistema a responsabilidade pela distinção entre ‘dentro’ e ‘fora’, isto é, pelo exame de realidade.⁴¹ [Freud,XIV,p.230] Por outro lado, Freud procura diferenciar a consciência enquanto função da consciência enquanto sistema; o rendimento da primeira, fonte de qualidade, não aclara de modo suficiente seus vínculos sistemáticos: “(...) a condição de consciente, o único caráter dos processos psíquicos que nos é dado de maneira imediata, de forma alguma é idônea para distinguir entre os sistemas.” [ibid.,p.189] Embora admita ser a consciência a única luz na escuridão [Freud,XXIII, p.288 e Freud,XIX,p.20], Freud deseja evitar o ofuscamento em geral produzido pela mesma⁴², enunciando, por fim, o seguinte preceito metodológico: “Na medida em que quisermos avançar até

⁴⁰ Isto não implica, aparentemente, nenhuma rejeição do *fenomenalismo*. (“*Doutrina que pretende que os homens só podem conhecer os fenômenos e não as coisas em si.*”) [Lalande,1993,p.393-4]

⁴¹ Desde o *Projeto*, impõe-se a busca de parâmetros capazes de denunciar o funcionamento alucinatorio do aparelho psíquico, e torna-se necessário identificar mecanismos aptos a garantir a presença real do objeto reencontrado.

uma consideração metapsicológica da vida anímica, temos que aprender a emancipar-nos do significado do sintoma 'condição de consciente' [Bewußtheit]." [Freud,XIV,p.189] Afirma-se literalmente o cunho indicativo da consciência: de **critério** ela passa a **sintoma** do psíquico.⁴³

A posição fronteira, por assim dizer, atribuída ao sistema Cc (consciência) na metapsicologia, entre o exterior e o interior, explica em larga medida o desempenho específico da 'operação' consciência: de um lado, a percepção qualitativa das excitações provenientes do mundo externo e, de outro, a distinção entre as sensações internas de prazer e desprazer. [Freud, XVIII,p.24] Contudo, a consciência cognitiva, na acepção freudiana, também orienta o conhecimento da vida anímica através da mediação⁴⁴ na relação prática com a realidade. Neste sentido, é essencial para o vínculo com o mundo a capacidade de distinguir entre percepções e representações, mesmo que as últimas sejam dotadas de grande intensidade, como por exemplo no caso das alucinações.⁴⁵ A solução freudiana consiste em conferir à consciência o controle do acesso à motilidade, isto é, da inervação motora, da

⁴² "Mas é privilégio da atividade consciente, de que muito se abusa, poder ocultar-nos todo o restante sempre que ela participa." [Freud,V,p.601]

⁴³ Em outras palavras, ela deixa de definir o psíquico para se tornar um acompanhante facultativo, embora imprescindível para o conhecimento de tais processos.

⁴⁴ Caberia à consciência proporcionar as séries qualitativas tanto no caso da percepção externa como no da percepção interna. Dentre tais séries, do ponto de vista cognitivo, sobressai-se a associação linguística.

qual depende em última instância a efetividade de uma ação. O critério proposto é o seguinte: *“Uma percepção que se faz desaparecer mediante uma ação é reconhecida como exterior, como realidade; toda vez que uma ação assim nada modifica, a percepção provém do interior do corpo, não é real [real].”* [Freud,XIV,p.231]

Portanto, a singularidade da teoria psicanalítica repousaria sobre a consideração da consciência como uma função anímica entre outras, perdendo seu poder de definir o psíquico, isto é, renunciando à condição de caráter obrigatório dos processos anímicos. Além disso, em virtude do marco conceitual naturalista, supõe-se que esta consciência opere mecanicamente, muito embora inexista explicação satisfatória realizada nestes moldes⁴⁵. De todo modo, não se trata de uma consciência reflexiva que toma a si mesma como objeto, a chamada autoconsciência. Para Freud, tendo em vista seus pressupostos, esta autoconsciência seria sempre enganadora, produzindo apenas ilusões, sem nada revelar das verdadeiras motivações em jogo em cada situação. O limite é imposto pela interdição do acesso ao todo da vida

⁴⁵ Pois via de regra não se confunde uma percepção atual pouco intensa com a recordação de outra dotada de maior intensidade. Para Freud, o problema somente se coloca no caso patológico, pois normalmente elas funcionariam em regime quantitativo bastante distinto.

⁴⁶ Talvez sequer seja possível reduzir integralmente a consciência a um mecanismo, reconhece o próprio Freud com algum constrangimento.

anímica, posto que o psíquico é em larga medida inconsciente.⁴⁷ Aliás, o inconsciente é a condição inicial necessária do psíquico, a consciência somente uma possibilidade. [Freud, V, p.600]

A postulação da consciência como simples função anímica parece decorrer da construção freudiana de uma interioridade espacial e, no passo seguinte, do povoamento deste espaço com coisas, ou seja, a imanência das representações já apontada no primeiro capítulo. Neste caso, é preciso contar com um 'sentido especial' para apreender tal objeto interno. As numerosas analogias ópticas de Freud mostram como este sentido resulta de um decalque da visão. Não é de se estranhar a utilização deste modelo, dada a importância da visão em nossa cultura na organização do campo conceitual concernente à relação com o mundo externo. Além disso, o apelo à sensibilidade faz eco à polaridade entre percepção e memória, analisada no próximo parágrafo. No entanto, não basta captar a imagem desse objeto interno nos moldes da percepção visual, o conhecimento do mesmo pressupõe uma associação lingüística. Explicar a consciência cognitiva significa, portanto, identificar os mecanismos de formação dos nexos entre imagens perceptuais e palavras.

⁴⁷ Apesar do modelo de ciência adotado, o objeto da psicanálise, o inconsciente, graças à ambigüidade de estatuto, parece sempre escapar à observação. Sem contar seu proverbial *costume* de se esconder.

Nos textos da década de 20 como *Além do Princípio do Prazer* (1920), *O Eu e o Isso* (1923), *Nota sobre o 'bloco mágico'* (1925) e *A Negação* (1926), Freud volta a considerar a consciência em termos metapsicológicos, procurando delinear sua articulação com questões relativas à temporalidade e ao juízo de realidade. Desde o *Projeto*, o que caracteriza o sistema ψ é sua capacidade de ser alterado pelo decurso da excitação, a passagem da quantidade pelas barreiras de contato dos neurônios ψ fica registrada nas facilitações provocadas pela mesma. No contexto do *Projeto*, prevê-se a possibilidade de um apagamento destas marcas mnêmicas a partir de uma irrupção descomunal de quantidade em ψ , o que tornaria todos os neurônios igualmente permeáveis, cancelando as diferenças então existentes. Em momento ulterior algum Freud volta a admitir tal possibilidade, enfatizando, pelo contrário, a perenidade dos registros mnêmicos, organizados em torno da multiplicidade dos sistemas de memória. É neste sentido que Freud especula sobre a gênese da consciência, fazendo-a surgir exatamente no lugar da marca mnêmica. [Freud,XVIII,p.25] Ao invés de produzir uma alteração permanente, a excitação, no sistema Cc (consciência), esgotar-se-ia no fenômeno de tornar-consciente. [ibid.] Toda consciência perceptual, por excluir memória, é sempre instantânea, não perdura,

constituindo-se em um fluxo incessante. [Freud,XIX,p.16] E é justamente acerca desta alternância que Freud insiste: não se pode negar o caráter de psíquico àquilo que não é consciente no momento presente, mas que permanece suscetível de voltar a sê-lo (latente). [ibid.] Intervém aí o preconceito naturalista: se a representação não está na consciência, então está em outro lugar. Em outras palavras, ele defende sua concepção do psíquico como série completa, sem lacunas, constituindo um domínio explicativo próprio, prescindindo do recurso à fisiologia. No entanto, em momento algum Freud chega ao extremo de aceitar as idéias de paralelismo e de redução psicofísica.⁴⁸

3. solução tópica

Reafirmando a suposta atemporalidade dos processos anímicos inconscientes [cf. Freud,XIV,p.184], Freud pretende contestar a tese de Kant (desenvolvida em sua Estética Transcendental) de que o tempo e o espaço são formas necessárias de nosso pensamento. [Freud,XVIII,p.28] Trata-se, sobretudo, de negar os corolários da concepção kantiana, que faz do tempo a condição formal da intuição interna, a condição *a priori* de todos os fenômenos interiores (de nossa alma). [Kant,1781,p.27] Para Freud, o tempo

⁴⁸ Assim, a despeito do naturalismo de sua teoria, Freud não incorreria naquilo que Husserl qualificava de 'absurdos da psicologia naturalista', a saber, a consideração do ser humano como máquina psicofísica ou

não é princípio de ordenação dos processos anímicos inconscientes, sendo tampouco capaz de alterá-los, o que impede que estes possam, de alguma maneira, constituir uma representação do tempo. [Freud,XVIII,p.28] Esta caracterização negativa dos processos psíquicos inconscientes deriva da comparação com os processos psíquicos conscientes (na primeira tópica, com o modo de trabalho do sistema P-Cc), cujo objetivo é figurar, pelo contraste entre ambos, os mecanismos através dos quais nossa 'percepção interna' é determinada em virtude das influências recíprocas exercidas pelos sistemas.

A analogia sugerida por Freud com o artefato conhecido como bloco mágico ilustra com propriedade o desafio enfrentado pelo aparelho psíquico de conciliar em si duas capacidades mutuamente exclusivas: de um lado, a de recepção ilimitada, de outro, a de conservação das marcas duradouras, produzidas pela recepção dos estímulos.⁴⁹ Para contornar tal dificuldade, Freud é forçado, em sua composição metapsicológica do aparelho psíquico, a distribuir as funções entre dois supostos sistemas, que devem ser diferenciados antes de mais nada em termos de disposição espacial. Dentro deste esquema, o sistema de percepção precisa também ser

dupla máquina paralelística. [Husserl,1925,p.41]

⁴⁹ Este é um problema antigo do autor. Breuer, em seu capítulo teórico dos *Estudos sobre Histeria*, já afirmava a impossibilidade de um mesmo órgão satisfazer ambas condições: "(...) o espelho de um telescópio de reflexão não pode ser ao mesmo tempo placa fotográfica." [Freud,II,p.200] Por sua vez,

responsável em certa medida pela proteção contra o estímulo, funcionando como uma espécie de crivo, a serviço de interesses mais primitivos do aparelho (manter-se afastado da quantidade). Além das premissas básicas estabelecidas para o funcionamento dos dois sistemas em questão, P-Cc e Icc, Freud pressupõe as seguintes condições acerca do sistema P-Cc: 1. situado na fronteira com o mundo externo, 2. subordinado ao sistema Icc, isto é, sua excitabilidade depende de ocupações provenientes do interior e 3. intermitência dessas ocupações. Nas palavras de Freud: *“Seria como se o inconsciente, por meio do sistema P-Cc, estendesse antenas ao encontro do mundo exterior e as retirasse tão logo estas tomassem amostras de suas excitações.”* [Freud, XIX, p.247] E acrescenta um pouco adiante: *“Conjeturo, ademais, que neste modo de trabalho descontínuo do sistema P-Cc se baseia a gênese da representação do tempo.”* [ibid.] Constata-se, assim, a preponderância da espacialidade na descrição freudiana da vida anímica; a temporalidade, a seu turno, é relegada a um segundo plano.

Com efeito, a solução freudiana, apontada acima, destaca dois atributos interligados do processo de percepção, o primeiro deles, seu caráter ativo, o segundo, sua subordinação a uma instância reguladora das ocupações

Freud formula no *Projeto* a teoria das barreiras de contato para explicar a diferenciação dos neurônios (em perceptivos e recordativos) em função do grau de exposição à excitação. [Freud, 1995, p.12-4]

psíquicas. Esta instância, a princípio denominada genericamente de inconsciente [ibid.], é em seguida identificada como eu. [Freud,XIX,p.256] A própria consciência, ou mais precisamente a distinção entre consciente e inconsciente, outrossim, não passa de matéria de percepção. Em outras palavras, a manifestação fenomênica possui apenas um sentido descritivo, em nada esclarece acerca de suas razões (sentido dinâmico). [ibid.,p.17] Conforme o exposto no capítulo anterior, Freud sustenta a tese de que “(...) *somente pode se tornar consciente o que uma vez foi percepção consciente, e, com exceção dos sentimentos, o que desde dentro quer se tornar consciente tem que tentar transpor-se em percepções exteriores*” [ibid.,25], reconhecendo ser esta uma variante da proposição clássica ‘todo saber provém da percepção externa’.⁵⁰ [ibid.] Neste caso, resta determinar como o aparelho psíquico certifica-se da realidade de uma percepção atual, em contraste com a possibilidade de se tratar da mera reprodução de uma percepção pretérita (representação).

Entrementes, a suposição freudiana acerca do caráter ativo da percepção não se esgota na simples identificação do agente psíquico responsável, ela visa modificar a perspectiva para o entendimento do

⁵⁰ Segundo Husserl, o preconceito do sensualismo está conectado a uma concepção fisicalista da natureza. [Husserl,1925,p.109]

problema da distinção entre percepção e representação. Se, por um lado, no momento inaugural a percepção (experiência) tem um papel determinante para a organização do aparelho, por outro, em um segundo tempo, a percepção é condicionada pela representação. À função de juízo (exercida pelo eu) compete verificar a existência real da coisa representada [Freud, XIX,p.255], mas isto ainda não é o principal, Freud descreve a mola propulsora do aparelho nos seguintes termos: “*O fim primeiro e mais imediato do exame de realidade não é, portanto, encontrar na percepção real [realen] um objeto que corresponda ao representado, senão reencontrá-lo, convencer-se de que todavia esta aí.*” [ibid.] A posição freudiana consiste, de certa forma, na retomada da idéia de Stuart Mill de um funcionamento *interessado* do aparelho, que busca conhecer a realidade tão-somente para confirmar suas expectativas, seus anseios.⁵¹ Destarte, como Freud declara, “*a oposição entre subjetivo [Subjektiven] e objetivo [Objektiven] não se dá desde o começo*” [ibid.], ela se desenvolve depois com o intuito de preservar o aparelho de enganos que possam comprometer sua viabilidade, e.g. alucinações.⁵² Aliás, a própria figuração freudiana do aparelho psíquico

⁵¹ Para Stuart Mill, a expectativa constitui a primeira lei mental e, ao lado da associação, um dos modos de geração do espírito. [Cf. Giannotti, 1964, p. 50 e 58]

⁵² Mesmo a consciência cognitiva, *fidel* à origem, conserva esse compromisso funcional. Revela-se, desse modo, a subordinação econômica do conhecimento.

apóia-se na *ficção* teórica da satisfação alucinatória originária. [Freud,XIV, p.230]

Existe ainda uma outra vertente a ser explorada, a mediação exercida pela consciência entre a realidade material (fática) e a realidade psíquica. Segundo Freud, no *Icc* temos apenas conteúdos (representações) ocupados (as) com maior ou menor intensidade e processos primários (deslocamento e condensação) que resultam da acentuada mobilidade dessas ocupações. [ibid.,p.183] Além da impossibilidade já mencionada de representar o tempo, o *Icc* tampouco comporta, por não ter natureza lingüística, a negação ou qualquer grau de certeza; como consequência, os processos neste sistema não acatam a realidade exterior, sendo regidos pelo princípio do prazer. [ibid.,p.184] É importante salientar ademais a advertência freudiana de que a realidade psíquica é uma forma particular de existência, não devendo ser confundida com a realidade fática [faktischer] (termo empregado em 1914) ou material [materiellen] (termo adotado em 1919). [Freud,V,p.607] De todo modo, o estatuto da realidade psíquica permanece um pouco obscuro, na medida em que se define principalmente por

contraste.⁵³ Tampouco é aceitável assimilá-la à linguagem, mesmo sendo esta a condição de seu conhecimento.

A despeito dos esforços reiterados de Freud para minimizar o papel da consciência na vida anímica e, com isso, ultrapassar o domínio da aparência, afigura-se inevitável conceder destaque à função da consciência na clínica psicanalítica, posto que a cura depende em última instância da intervenção operada no intrincado jogo de influência recíproca que se desenrola entre a consciência e o inconsciente.⁵⁴ No entanto, para explicar a relação acima, é fundamental esclarecer antes a natureza da intervenção operada pela linguagem, assim como apontar quais de seus atributos basicamente estão envolvidos nesta matéria.

4. mediação lingüística

No *Projeto*, a associação lingüística⁵⁵ realiza algo de grande importância prática: estabelece as condições para a distinção entre as conseqüências dos processos de pensar, por um lado, e as conseqüências dos processos perceptivos, por outro. Em resumo, ela possibilita a memória do

⁵³ Subsiste a seguinte tensão no seio da teoria: se de um lado, a realidade psíquica não pode ser assimilada à realidade material, de outro, todavia, ela precisa conservar muitas das propriedades daquela para que, permanecendo atrelada ao nexos do suceder universal, possa ser apreendida com êxito por meio de um procedimento científico natural.

⁵⁴ A modificação espontânea do *Icc* por parte da *Cc* seria um processo lento e árduo. [Freud, XIV, p. 191]

⁵⁵ Ligação com representações de palavra, constituídas a partir de um complicado processo associativo, em que intervêm elementos de origem visual, acústico e cinestésico. Trata-se, portanto, de um complexo

pensar. [Freud,1995,p.80] Enquanto signo da realidade do pensar, a linguagem permite ainda a ocorrência de uma forma mais elevada (isenta, imparcial, isto é, eqüidistante das vivências de satisfação e de dor) de pensamento (pensar cognitivo), menos atrelado ao estado de expectativa e, por isso mesmo, de grande valia. A premeditação diminui a chance de um julgamento imparcial e, portanto, de uma escolha mais adequada, favorecendo porém a economia de tempo e reduzindo o intervalo entre a percepção e a ação. [ibid.,p.88-9 e 98] Enfim, para Freud, o pensar prático conserva sempre sua primazia. [ibid.,p.98] Por outro lado, a consciência resultante da ligação de neurônios ψ com a imagem de palavra restringe-se a indicar pontos do percurso do pensamento, de maneira alguma ela o reconstitui por completo. Em *O Inconsciente* (1915) Freud retoma a idéia da associação lingüística e sugere um critério metapsicológico para diferenciar as representações conscientes das representações inconscientes.

Neste escrito de crucial importância, ele procura contornar certas dificuldades decorrentes da descrição dos processos psíquicos em seus aspectos dinâmicos, tópicos e econômicos, pois nenhum deles parece fornecer a perspectiva adequada para separar as representações conscientes

perceptual fechado e exclusivo, organizado em torno da imagem acústica (resto da palavra ouvida), liame com a representação de objeto. [Freud,1891,p.79]

das inconscientes. A diferença entre ambas consistiria, respectivamente, em diversos estados funcionais de ocupação no mesmo lugar, em transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diversos e na mera gradação da intensidade da ocupação. Estas três alternativas, isoladas ou combinadas entre si, não atendem a principal exigência feita à teoria, a saber, explicar como ocorre a passagem à consciência de uma representação inconsciente. A solução freudiana para o problema envolve a modificação do esquema, proposto em *Sobre a Conceção das Afasias* e adotado de modo implícito na *Interpretação dos Sonhos*, baseado na distinção entre representação de coisa e representação de palavra. Freud sugere que a ligação entre estas duas formas de representação produza a consciência da representação de objeto. [Freud,XIV,p.197-8] Retoma-se dessa maneira a supracitada tese do *Projeto* de que a possibilidade de consciência das representações (consciência cognitiva) seja dada pelo enlace com palavras (a chamada associação lingüística, que inclui a inervação motora) e evita-se questões como, por exemplo, determinar se a consciência é produto do deslocamento da energia anímica em direção à ‘superfície’ do aparelho ou, o inverso, se é a consciência que ilumina ativamente os processos que têm lugar no ‘interior’ deste mesmo aparelho. [Freud,XIX,p.21]

Nos textos tardios (escritos em 1938) em que Freud elabora uma espécie de síntese de sua doutrina, *Algumas Lições Elementares sobre Psicanálise e Esquema de Psicanálise*, certas premissas psicanalíticas, notadamente aquelas relativas à concepção de psique e ao caráter científico da empresa, são expostas ao exame filosófico, embora, segundo o autor, somente devam buscar justificativas em seus resultados. [Freud, XXIII, p.143]

Além das razões já citadas, contrárias à equiparação entre psíquico e consciente, basicamente a de separar os processos psíquicos do nexo do suceder universal, parece influir também um empecilho de ordem metodológica. Freud reconhece a impossibilidade radical de apreender o fenômeno da consciência através dos métodos da ciência natural: “(...) *com efeito, ante à condição de consciente, um dos fatos fundamentais de nossa vida, a investigação se detém como frente a um muro. Não encontra caminho que leve a outra parte.*” [ibid., p.285]

A inviabilidade de uma redução da consciência a um mecanismo causa certo embaraço ao autor, no entanto, o naturalismo de sua teoria impõe, nesse caso, a opção. Subsiste, por assim dizer, uma dualidade de estatuto: de um lado, o fato único da consciência permanece sem explicação, de outro, uma consciência algo naturalizada intervém no funcionamento do aparelho psíquico. O problema

parece ser conciliar tal naturalização com a exigência metapsicológica de mediação lingüística para a apreensão da percepção interior.

A figuração espacial da psique empreendida por Freud situa-se virtualmente *entre* o órgão corporal (encéfalo) e a consciência. [ibid.,p.143] Nestes extremos, desenrolam-se duas séries distintas, respectivamente, processos físicos (série completa) e processos conscientes (série lacunar). Como Freud rejeita o dualismo ontológico, sua afirmação de que o psíquico é em si inconsciente serve ao propósito de subsumir o domínio psíquico ao físico, configurando a psicologia como ciência natural: *“Os processos de que se ocupa são em si tão indiscerníveis como os de outras ciências, químicas ou físicas, mas é possível estabelecer as leis a que obedecem, perseguir seus vínculos recíprocos e suas relações de dependência sem deixar lacunas por trechos longos - ou seja, o que se designa como entendimento do âmbito de fenômenos naturais em questão.”*⁵⁶ [ibid.,p.156] Freud, todavia, faz dois

⁵⁶ Em seu estudo sobre o imaginário, Sartre combate a idéia, resultante da mencionada *ilusão de imanência*, de que o mundo do espírito (isto é, a consciência) seja regido por leis, tal como sucede no mundo exterior. [Sartre,1940,p.20] Mesmo a doutrina associacionista, com suas leis de contigüidade e similaridade, parece incapaz de explicar como ocorre a passagem da consciência de uma representação para a consciência de outra, pois sempre pressupõe uma consciência anterior da ligação entre ambas. Sartre toma emprestado o argumento de William James: *“La ressemblance entre A et B, dit-il, ne peut agir comme une force qui attirerait B dans la conscience si, une fois, A y était donné. Pour appercevoir la ressemblance entre A et B, en effet, il faut que B soit donné en même temps que A.”* [ibid.,p.50] Vimos como Freud tentou contornar em parte este problema mediante o recurso da associação lingüística (entendida como precondição da consciência), determinante das relações de sentido. Assim, nem a consciência ilumina as representações, nem o contrário, a consciência retira sua energia das representações. De todo modo, a objeção acima permanece válida na medida em que exige que uma ‘consciência (ou inteligência) não consciente’, através do exercício de seu poder de censura, dirija o processo associativo.

tipos de ressalvas, o primeiro, contingente, diz respeito às limitações decorrentes do estado atual da psicologia: seus princípios seriam imprecisos por se tratar de uma ciência nova, a metapsicologia seria assim análoga às construções auxiliares provisórias das outras ciências naturais. [ibid., p.155-6 e 199] O segundo, inevitável, resultaria da impossibilidade absoluta de se abandonar definitivamente a linguagem da percepção. [ibid., p.156 e 198] Eis, em suma, o limite gnoseológico da técnica analítica nas palavras de Freud: “*Por este caminho inferimos certo número de processos que em si e por si são ‘não discerníveis’, interpolamo-los dentro dos que nos são conscientes e quando dizemos, por exemplo: ‘Aqui interveio uma recordação inconsciente’, isto quer dizer: ‘Aqui ocorreu algo por completo inapreensível para nós, mas que se tivesse chegado à consciência somente teríamos podido descrevê-lo assim e assim.’*” [ibid., p.198] Por outro lado, o caso da consciência moral, na condição de instância semi-autônoma, é diverso, ela impõe limites de outra natureza ao funcionamento interessado do aparelho psíquico.⁵⁷ O passado que condiciona sua atuação não é aquele das vivências prototípicas descritas no *Projeto*.

5. crítica husserliana ao naturalismo psicológico

⁵⁷ A consciência moral não se restringe apenas a um conjunto de interditos à ação, recobrando o eu como uma espécie de véu, ela representa um obstáculo para o ‘autoconhecimento’.

Uma vez delineada a noção freudiana de 'consciência', parece complicado excluir seu caráter psicológico, ou melhor, fica patente neste caso a dificuldade de se afastar por completo a hipótese de uma consciência naturalizada. No intuito de explorar algumas das diversas conseqüências que tal concepção comporta, discutimos certas críticas formuladas por Husserl em seu projeto fenomenológico, situado em face deste ponto específico, *i.e.* a noção de 'consciência', em uma vertente filosófica diametralmente oposta. Cabe esboçar portanto um contraponto. A diferença crucial entre ambos parece estar situada aquém da mais ampla oposição estabelecida por Husserl, a oposição entre atitude natural e atitude transcendental.⁵⁸ [Moura,1989,p.16]

Acreditamos que a tensão, no plano da consciência, decorre mais precisamente da dupla suposição freudiana, de um lado, o mecanicismo da consciência perceptiva⁵⁹, cuja origem remonta ao prejuízo naturalista⁶⁰ e, de outro, a evidência indireta proporcionada pela percepção interior, ou seja, a postulada mediação lingüística da consciência cognitiva. Trata-se, em suma, de explicar a passagem da imagem à palavra, ou seja, do projeto de uma psicologia genética. A psicologia fenomenológica, por sua vez, é descritiva e

⁵⁸ Pois o afastamento da fenomenologia da atitude natural implica na renúncia radical do domínio da positividade: "(...) a filosofia não falará dos mesmos objetos sobre os quais fala a ciência, não utilizará seus resultados, não fletará com seu método." [Moura,1989,p.28]

⁵⁹ Na teoria freudiana, a consciência perceptiva constitui-se em função da noção de representação (da 'idéia pouco clara de idéia' do empirismo), como percepção interna, excluindo memória.

decorre basicamente de uma alteração temática, constituindo uma ciência das formas necessárias da subjetividade e visando, por isso, uma essência universal, não uma universalidade empírica. [ibid.,p.63] Se, por um lado, a fenomenologia husserliana admite com Descartes o modo de ser particular da consciência, subscrevendo, em um sentido preciso, a esfera da interioridade (da evidência privada), por outro, jamais incorre no típico engano da imanência, *viz.* considerar a relação entre consciência e seus objetos intencionais como um *processo real* ou uma *relação entre duas coisas*. [Husserl,1900,II,p.173-4] Pelo contrário, a tarefa por excelência de uma psicologia de inspiração fenomenológica seria justamente a de esclarecer a especificidade dessa relação intencional, que compreenderia a essência radical da vida psíquica.

Reputa-se o fato de Husserl conceber como dinâmica a natureza dos fenômenos mentais, em oposição ao modelo passivo de mente adotado pela tradição empirista clássica, à duradoura influência exercida pela filosofia de Brentano: "*Mental phenomena, he [Brentano] believed, are essentially dynamic, comprising acts, activities, events, and processes - rather, that is, than such comparatively inert and static 'contents' of consciousness as*

⁶⁰ Isto é, ao preconceito de que a ciência natural seria o protótipo de toda ciência verdadeira. [Husserl, 1925,p.106]

ideas, impressions, images, concepts and the like." [Bell,1991,p.7] Freud, aluno de Brentano na universidade, também partidário dessa concepção dinâmica, conservou porém, como vimos, a noção de representação, criando uma tensão no seio de sua teoria. A fenomenologia pura husserliana estuda a consciência, mas, ao contrário da psicologia, não assimila a consciência a algo físico.⁶¹ Não se trata, portanto, de uma ciência da experiência [Erfahrung] na dupla acepção: ciência de *fatós* [Tatsachen] e ciência de *realidades* [Realitäten]. [Husserl,1913,p.39] Logo no início de *Idéias I*, Husserl salienta a diferença radical em matéria de princípios que impede a fenomenologia de ser tomada como psicologia, aliás, a fenomenologia oferece, por assim dizer, uma nova perspectiva que contrasta ponto a ponto com a atitude natural de experiência e pensamento.⁶² [ibid., p.38-9] Por outro lado, a fenomenologia oferece as bases para a construção de uma psicologia filosófica, depurada do fisicalismo habitual e apta a resistir à tentação do naturalismo.⁶³

⁶¹ Enquanto a psicologia se ocupa da 'consciência empírica', a consciência de um ponto de vista empírico, a fenomenologia se ocupa da 'pura' consciência, a consciência de um ponto de vista fenomenológico. [Husserl,1911,p.91]

⁶² Lembrar que na atitude natural a consciência tem o mundo como correlato. Em *Idéias I*, a atitude natural, com sua oposição entre mundo e representação, é suspensa. Não se trata apenas da questão da crença no mundo: "O mais importante é, no caso, o conjunto de prejuízos que estão na origem da 'tese geral da atitude natural': a apreensão dos objetos como conteúdos em si separados da esfera de sua manifestação e a interpretação da consciência como uma região." [Moura,1989,p.165]

⁶³ "Desde o início, a psicologia foi incapaz de resistir à tentação do naturalismo, de uma imitação extrínseca do modelo de ciência natural." [Husserl,1925,p.2]

Para compreender a posição de Husserl é preciso, no entanto, regressar às *Investigações Lógicas*, notadamente a quinta, *Os vividos intencionais e seus 'conteúdos'*, onde a plurivocidade do termo 'consciência' é analisada. Nesse contexto, importa sobretudo delimitar o conceito de ato psíquico em sua essência fenomenológica e, para tanto, faz-se necessário adotar um conceito de consciência apropriado, não de todo coincidente com aquele da psicologia ou do senso comum. [Husserl,1900,II,p.144] Ao selecionar para exame apenas os três conceitos de consciência relevantes para seu propósito, Husserl reconhece, todavia, a dificuldade de se eliminar por completo a equivocidade do termo. Eis os sentidos considerados: 1.conjunto de componentes [gesamte Bestand] fenomenológicos reais [reelle] do eu empírico (tecido dos vividos psíquicos na unidade do fluxo dos vividos), 2.percepção interna dos vividos psíquicos próprios e 3.designação global para todo tipo de 'ato psíquico' ou 'vivido intencional'. [ibid.,p.145]

Em primeiro lugar, partindo das seguintes definições supostamente aplicáveis à psicologia moderna: a.ciência dos indivíduos psíquicos enquanto unidades concretas de consciência, b.ciência dos vividos da consciência dos indivíduos que os vivenciam e c.ciência de seus conteúdos da consciência, Husserl pretende destacar o sentido comum emprestado aos termos 'vivido' e 'contéudo', *viz.* acontecimento mental instantâneo. [ibid.,

p.146] Tomado, entretanto, em um sentido puramente fenomenológico, o conceito de vivido exclui toda relação com a existência empírica real [ibid.,p.146-7], ou seja, Husserl também se preocupa em apontar o risco de equívoco que envolveria o termo fenômeno [Erscheinung], ao permitir a ilusória identificação entre a ‘aparicação do objeto’ (vivido) e o ‘objeto aparecendo’: “*Nós vivemos os fenômenos como pertencendo à trama da consciência, enquanto que as coisas nos aparecem como pertencendo ao mundo fenomenal. Os fenômenos eles mesmos não nos aparecem, eles são vividos.*” [ibid.,p.149] Na esfera da consciência, cumpre apenas determinar o grau de preenchimento (de adequação) das intuições; a condição de uma ciência *a priori* do psíquico seria repousar sobre a intuição interna direta.

Neste sentido, após desvelar a diferença entre percepção interna e percepção adequada (evidente)⁶⁴, Husserl enfatiza a relevância, em termos fenomenológicos, da oposição autêntica entre percepção *adequada* e percepção *inadequada*, em substituição à falsa oposição, fundada na atitude natural e utilizada pela teoria do conhecimento e pela psicologia, entre percepção interna e percepção externa. [ibid.,p.154-5] Na metapsicologia freudiana, a percepção interior não é intuitiva nem direta, parecendo estar

⁶⁴ Indicando que se a percepção adequada (aquela que nada atribui a seus objetos que não esteja representado intuitivamente) não pode ser senão percepção interna, nem toda percepção interna pode ser dita adequada (como é o caso em que ocorre interpretação).

vinculada à mediação lingüística, sua adequação, por outro lado, depende da aptidão dessa para desencadear determinados efeitos psíquicos. Husserl aponta ainda o engano cometido por Brentano ao propor a percepção interna como critério da percepção adequada, negligenciando o fato da percepção interna consistir em um vivido que, a seu turno, demandaria uma nova percepção interna, constituindo uma verdadeira regressão ao infinito [ibid., p.155], tal objeção porém não se aplica ao caso de Freud. Afeta nossa discussão, no entanto, a polissemia do termo 'consciência' e, nesse sentido, é preciso acompanhar os passos de Husserl. O autor procura mostrar como o primeiro conceito de consciência tem origem no segundo, em virtude da insuficiente distinção entre o eu do *cogito* e o eu empírico: "(...) *no julgamento eu sou, a evidência se liga a um certo núcleo, não delimitado com rigor conceitual, da representação empírica do eu.*" [ibid.,p.156] Antes porém de considerar o terceiro sentido do conceito de consciência, é importante salientar o fato da fenomenologia adotar o primeiro (abstraindo, no entanto, o que é propriamente psicológico) e rejeitar por completo o segundo (percepção interna). [ibid.,p.177-8]

A análise husserliana da consciência enquanto vivido intencional (ou ato psíquico) parte da divisão estabelecida por Brentano⁶⁵ entre ‘fenômenos’ físicos e ‘fenômenos’ psíquicos⁶⁶, o traço distintivo desta última classe encontrar-se-ia naquilo que os escolásticos medievais denominavam inexistência [Inexistenz] intencional, ou seja, o fato de visarem necessariamente um objeto, constituído pelo próprio ato segundo sua modalidade. [Husserl, 1900,II,p.168] Brentano atrela ainda o ‘fenômeno’ psíquico ao ato de representar, tido como básico, isto é, como condição de possibilidade dos demais (julgamento e afetividade).⁶⁷ [ibid.,p.172] Husserl adota esta concepção da essência do ato psíquico, que faz da consciência sempre consciência *de* algo [ponto de chegada de Brentano, ponto de partida de Husserl], depurando a mesma, contudo, de conotações psicológicas. O ponto crucial, seguindo o exemplo de Brentano, é sua insistência na idéia de representação como ato e não como conteúdo. Ao contrário de Freud que, como vimos, adota a idéia de conteúdo. O perigo de uma interpretação

⁶⁵ Husserl não apenas reconhece seu débito a Brentano, como ressalta a originalidade (em face da antiga doutrina escolástica) e o alcance do princípio descritivo proposto para essa distinção. Entretanto, no projeto de Brentano, ainda de orientação naturalista, a psicologia descritiva é pensada como fundamento para a psicologia explicativa nos moldes da ciência natural. [Husserl, 1925, p.23]

⁶⁶ Todavia, as *Investigações Lógicas* recusam a tese brentaniana de que todos os fenômenos são *ou* físicos *ou* psíquicos. Trata-se de rejeitar o pressuposto psicologista da *Filosofia da Aritmética* que concedia o status de ‘relação psíquica’ à ‘ligação coletiva’. [Moura, 1989, p.63-4]

⁶⁷ Para Brentano, a consciência interior se apresenta sob três aspectos: representação, conhecimento e sentimento. Correlativamente, ele divide os fenômenos psíquicos em três grandes classes: representação [Vorstellung], juízo [Urteil] e movimento afetivo [Gemütsbewegung], admitindo também para a terceira

indevida dessa doutrina residiria, conforme frisamos acima, na idéia da consciência como um recipiente real, povoado de objetos igualmente reais, com os quais manteria uma relação específica (objetividade imanente). [ibid.,p.173-4] O vocabulário da imanência impediria o entendimento correto da expressão 'ser para a consciência'. Parece descabido, portanto, acreditar que a investigação fenomenológica se movimenta na esfera de uma percepção interna e de uma abstração puramente imanente edificada sobre ela. [Husserl, 1907,p.89]

No prefácio para a edição inglesa (de 1931) de *Idéias I* (1913), Husserl define a fenomenologia como uma ciência *a priori*, de puras possibilidades, cujo inquérito tem precedência em face das ciências de fato. [Husserl,1913,p.7] Está fora de questão, por conseguinte, no caso do idealismo transcendental, colocar em xeque a existência do mundo real [realen] e da natureza, pretende-se simplesmente clarificar o sentido deste mundo. [ibid.,p.14] Trata-se, em suma, de um idealismo ontologicamente neutro. A fenomenologia transcendental, baseada na redução fenomenológica, contrapõe-se às psicologias que descrevem a chamada 'experiência interna', remontando a Locke e incluindo Mill. [ibid.,p.16] Tanto a psicologia

as seguintes denominações: interesse [Interesse] e amor [Liebe]. [Gilson,1955(b),p.61-3] [Confrontar Brentano(1874),1944,p.261-3]

atomista, construída a partir da premissa sensualista, caso da psicanálise, como a psicologia da Gestalt, são condenadas por incorrerem no que Husserl denomina de naturalismo psicológico.⁶⁸ A novidade da fenomenologia consiste no *insight* de que a descrição da esfera da consciência como uma esfera autolimitada de intencionalidade exige necessariamente a descrição do objeto como tal, a que se refere a experiência intencional. Ambos pertencem em conjunto, de modo inextricável, à experiência em si mesma. [ibid.,p.17]

Ao examinar a experiência proporcionada pela imaginação e pelo ato subsequente de abstração de seu conteúdo, Husserl adverte contra o possível engano de se tomar a consciência da essência como *essência*. [ibid., p.82] Reaparece assim a distinção entre ato e conteúdo supracitada. A consciência transcendental, considerada por Husserl uma espécie de ‘resíduo fenomenológico’ [ibid.,p.102], deve ser propriamente distinguida da consciência empírica, na medida em que somente a primeira pressupõe uma espontaneidade necessária. Desta forma, a intuição essencial (*primordial dator*) seria análoga à percepção sensorial, não à imaginação. [ibid.,p.82-3] Consciência, no sentido de absoluto, define um modo específico de existência, delimita a esfera transcendental; no sentido psicológico, onde a

⁶⁸ Uma coisa é incorrer no naturalismo psicológico, outra bem distinta é permanecer na atitude natural dogmática. Na constituição de uma psicologia o primeiro caso pode ser evitado, não o segundo.

consciência se encontra ligada a um corpo animado, apenas descreve um evento real subordinado. [ibid.,p.149] Husserl mostra como estas duas acepções originam-se em pontos de vista diferentes, sem constituírem a rigor uma relação de oposição. A primeira, resultante da redução fenomenológica, corresponderia à esfera da experiência absoluta, a segunda, proveniente da atitude natural, ao campo da experiência contingente e relativa. [ibid.,p.149-52] As unidades empíricas (reais) que compõem a experiência são qualificadas pelo autor de 'unidades de significação', isto é, dependentes de uma consciência doadora de sentido. Não se incorre em um idealismo subjetivo pois o estatuto ontológico do objeto transcendente, isto é, do mundo exterior, está fora de questão. [ibid.,p.152-4]

Por outro lado, a diferença entre a subjetividade transcendental e a subjetividade psicológica reside basicamente na diferença de atitude, não há na verdade uma duplicação desnecessária, uma vez que a fenomenologia transcendental tem a característica de admitir a transformação de cada uma de suas proposições em proposições psicológicas *a priori* no sentido natural. [Husserl,1925,p.32] A nova psicologia filosófica proposta por Husserl, beneficiada amiúde pelas contribuições fenomenológicas, não seria nem transcendental nem empírica, constituindo-se, no âmbito da atitude natural dogmática, sob os seguintes motes: *Apriorismo*, *Eidética*, *Intuição* ou

Descrição Pura, Intencionalidade. [ibid.,p.33] Essa psicologia visa as universalidades essenciais e necessárias, sem as quais o ser e o viver psicológico são inconcebíveis. [ibid.] Embora pretenda ser a ciência da revelação da pura internalidade, as especulações metafísicas sobre a ‘essência interna da psique’ estão fora de cogitação. [ibid.,p.148] Husserl, ao recusar o prejuízo científico natural, condena toda transferência metodológica indevida [ibid.,p.108], desenvolvendo um método próprio, baseado no exercício da variação arbitrária, que visa identificar, através do invariante, a essência universal (*eidós*). [ibid.,p.54] Esta complexa atividade de ‘ver idéias’ também é chamada por Husserl de ideação. [ibid.,p.57] Cumpre destacar o caráter intuitivo desse processo, isto é, a relação especial da consciência doadora de sentido com a esfera das significações possíveis.

Realizado este percurso, parece plausível sugerir que a despeito de Freud estabelecer uma espécie de primado do inconsciente no âmbito psíquico, não há propriamente em sua teoria uma subversão da noção de consciência, ela segue identificada a um sentido interno, algo assim como um olho mental (situado na periferia do aparato, tal qual o olho físico no corpo), dotado da admirável capacidade de divisar parte (pois nem todos os recessos são perscrutáveis) do suceder da vida anímica. Se, por um lado, suas evidências não são mais de todo diretas e confiáveis, pois dependem da

mediação lingüística, de outro, podem ser corrigidas mediante inferências. Como psicologia explicativa, fundada na experiência, a psicanálise precisa identificar os mecanismos psíquicos envolvidos na passagem da consciência de uma representação à consciência de outra. O recurso da linguagem, se por um lado, permite a ultrapassagem da aparência, por outro, implica na desistência da busca de um mecanicismo puro. Supõe-se que o problema central da teoria freudiana seja a conservação da noção psicológica de representação, de cuja imanência, a noção de consciência, neste contexto, não poderia deixar de permanecer, em alguma medida, tributária.

Capítulo III - eu

“O eu pode tomar a si como objeto, tratar-se como aos outros objetos, observar-se, criticar-se, e Deus sabe quantas outras coisas poderá empreender consigo mesmo.” [Freud, *Conferência XXXI (1932)*, AE-XXII, p.54]

“Nichts ist so schwer, als sich nicht betrügen.” [Wittgenstein, *Culture and Value*, p. 34]

A consabida divisão do sujeito em instâncias psíquicas semi-autônomas, postulada pela teoria freudiana nas sucessivas figurações tópicas do aparelho psíquico, faz com que as noções de ‘eu’ e de ‘sujeito’ deixem de coincidir. Como esta cisão [Spaltung] impõe em certa medida a alienação do sujeito de si mesmo, ocultando as verdadeiras (efetivas) motivações em jogo, exige-se que a teoria da ação baseada na unidade da vontade seja substituída por uma outra que se coadune melhor com o modelo metapsicológico de aparelho psíquico. Neste sentido, é preciso verificar se a solução freudiana do problema representado pelos interesses antagônicos, no assim denominado conflito psíquico, prescinde por completo de uma meta-instância cognoscente reguladora. Em outras palavras, a questão é determinar se uma vez banido o eu enquanto centro da personalidade, seu lugar desaparece ou se o mesmo, furtivamente, passa a ser ocupado por outra instância.

Não se trata, todavia, de buscar em Freud uma teoria da ação acabada, mas sim de obter elementos que permitam vislumbrar a montagem psíquica do agente.⁶⁹ O fio condutor da presente investigação prende-se ao modo como cada instância atua sobre as demais, isto é, aos mecanismos de influência recíproca envolvidos no funcionamento normal do aparato. É preciso esclarecer, por exemplo, se a aparência intencional do conjunto da vida anímica implica em um desdobramento desse efeito em todas as possíveis relações entre as supostas instâncias. Portanto, ao lado da questão de uma hipotética mediação, aparece o problema mais genérico concernente à natureza dos processos interativos no plano mental.⁷⁰ De acordo com o balanço de Cavell, condizente com os resultados da análise efetuada nos capítulos anteriores, Freud rejeitaria alguns pressupostos cartesianos, como o dualismo (bifurcação mente-corpo) e a tese da 'transparência' (evidência dada pela introspecção), mas, paradoxalmente, aceitaria outros, como a existência dos chamados 'objetos mentais' e a visão internalista do significado. [Cavell, 1993,p.17-8]

⁶⁹ Embora, acreditamos, a teoria freudiana seja fundamentalmente uma teoria da memória, não é possível ignorar que seu alcance explicativo inclui o domínio da ação. Aliás, vale frisar, caso contrário, a própria clínica psicanalítica perderia o sentido.

⁷⁰ As diversas soluções freudianas são consideradas, não para salientar o marcado teor especulativo das mesmas, mas na tentativa de se isolar um elemento invariante que cumpriria as funções clássicas do eu.

As relações entre as instâncias psíquicas no contexto da teoria freudiana somente podem ser apreendidas a partir da análise combinada dos três pontos de vista que definem a metapsicologia, *viz.* tópico, dinâmico e econômico. No entanto, constata-se que tomados isoladamente cada um deles introduz a um só tempo novas soluções e novos problemas. Da mesma forma, faltaria harmonia à articulação entre tais perspectivas, subsistindo tensões no interior do conjunto. Assim, conquanto para Freud consciência e eu de modo algum sejam mutuamente assimiláveis, parece necessário explorar uma determinada conexão entre ambos, fundamental para o escopo deste estudo, relacionada ao grau de conhecimento das instâncias (da censura em especial) acerca do processo de repressão.

Apesar da noção de 'eu' [Ich] receber um tratamento sistemático somente com o advento da segunda tópica (na década de 20), o termo 'eu' já havia sido utilizado desde os primeiros escritos metapsicológicos, inclusive, no caso específico do *Projeto* (texto de 1895, enviado a Fliess, não destinado à publicação), para nomear certa instância psíquica. Embora neste capítulo não exista a intenção de se reconstituir de maneira exaustiva a gênese da noção, consideramos indispensável examiná-la dentro de um panorama histórico; neste sentido, o texto acima referido parece fornecer um ponto de partida bastante apropriado.

1. concepção quantitativa do eu

No *Projeto*, o 'eu' corresponde a uma organização específica no interior de ψ , composta de um grupo de neurônios de ocupação constante e encarregada de exercer um certo efeito inibidor sobre o decurso da excitação (quantidade), condição da função secundária. [Freud,1995,p.36-7] Comenta Gabbi Jr. a propósito: "*A organização está suposta desde que se introduziu o princípio da constância. A necessidade de um eu está ligada a duas exigências que precisam ser satisfeitas: armazenamento de $Q\eta$ no sistema nervoso e um critério adequado para diferenciar entre percepção e representação.*" [Gabbi Jr.,1995,n.119,p.138] O mecanismo de inibição, no caso, seria baseado nas ocupações laterais, pois, de acordo com Freud, a ocupação simultânea de um neurônio adjacente funcionaria como um fator de facilitação temporária das barreiras de contato localizadas entre ambos. [Freud,1995,p.37] Neste quadro, a inibição teria por finalidade evitar a alucinação durante a repetição de ambas as vivências prototípicas, isto é as vivências de satisfação e de dor. [ibid.]

Como os restos de ambos os tipos de vivências, estados de desejo e afetos, implicam em um aumento da quantidade, o primeiro por somação e o segundo por liberação imediata, a tendência, na ausência da intervenção de um eu, seria que os restos citados fossem seguidos,

respectivamente, pela *atração de desejo* primária e pela *defesa* primária. [ibid.,p.34] Ora, assim sendo, constatamos que o eu se justifica por razões econômicas, impostas pela *necessidade da vida*. Entretanto, se de um lado seu valor biológico é claro, de outro, sua origem permanece enigmática, não recebendo no *Projeto* nenhuma explicação plausível. [Cf. Gabbi Jr.,1995, n.142,p.142] Em termos tópicos⁷¹, o eu é uma organização em ψ , cuja dimensão total está sujeita à variação, dividida em duas partes: uma parte permanente (os neurônios responsáveis pela recepção da $Q\eta$, localizados na ψ do núcleo) e uma parte variável (os neurônios da ψ do manto implicados nas facilitações sucessivas). [Freud,1995,p.36-37] Mas, enquanto sua extensão pode sofrer variações, a ocupação constante, a serviço da função secundária, permanece como seu traço distintivo.

A viabilidade do aparelho psíquico descrito no *Projeto* depende, primordialmente, de sua capacidade de levar em conta a realidade exterior, em outras palavras, de sua aptidão para diferenciar entre percepção e representação. O mecanismo de reconhecimento da realidade suposto por Freud, complexo e falível, apóia-se sobre a atividade conjugada dos

⁷¹ O *Projeto* talvez represente o exemplo mais acabado do naturalismo freudiano. Mesmo que se admita o caráter metafórico dessas propriedades materiais do eu, a independência em face da anatomia - a despeito da linguagem neurológica empregada-, é preciso reconhecer a importância dessa espacialidade para sua economia teórica.

neurônios ω e dos grupos de neurônios ψ que compõem o 'eu'. Por um lado, o signo de realidade é fornecido pelos neurônios ω da seguinte forma: a excitação qualitativa em ω provocada pela percepção ocasiona a eliminação ω , sendo justamente a notícia desta eliminação que alcança ψ , convertendo-se em signo de realidade para ψ . [ibid.,p.39] Por outro lado, todavia, é preciso descartar a possibilidade de se tratar de uma alucinação (no caso do objeto de desejo estar intensamente ocupado), para tanto, concorre a inibição proporcionada pelo eu, que estabelece um limite para a ocupação de desejo, inferior em termos quantitativos àquela produzida pela percepção externa e, sobretudo, insuficiente para resultar em signo de realidade. [ibid.,p.39-40] O critério requerido para distinguir entre percepção e representação, em suma, é dado pela inibição do eu. [ibid.,p.40]

Para instituir-se o julgar, isto é, a comparação entre o objeto desejado e o objeto percebido, não falta muito. Neste sentido, Freud atribui tanto à ocupação de desejo como à ocupação de percepção, nem sempre coincidentes, o formato de um complexo, dividido em dois componentes, o primeiro deles constante (a coisa), o segundo inconstante (seu predicado). [ibid.,p.41-2] *“O julgar é, portanto, um processo ψ que só é acessível pela inibição do eu e provocado pela dessemelhança entre a ocupação de desejo*

de uma [imagem] re[cordativa] e a ocupação perceptiva que lhe é semelhante.” [ibid.,p.42] O pensar distingue-se do processo primário pela intervenção do eu que, através das ocupações laterais, altera as compulsões facilitadoras, diminuindo o montante de quantidade que percorre o mesmo curso ψ originário. [ibid.,p.47] A utilidade do pensar, em última instância, deriva desta economia. [ibid.]

Na parte II do *Projeto*, denominada *Psicopatologia*, Freud examina o caso exemplar de falência do mecanismo de atenção, representado pela *proton pseudos* histórica, situação em que o pensar é perturbado pelo afeto. Cabe ao mecanismo de atenção, via de regra, zelar para impedir uma liberação endógena excessiva pela repetição de processos afetivos. Isto depende do estabelecimento de ocupações laterais a partir de uma vivência de dor, nada além da defesa normal exercida pelo eu. A novidade da *proton pseudos* histórica consiste no logro do mecanismo de atenção, dirigido para as percepções, na medida em que o desprazer é liberado, pela primeira vez, por uma recordação. [ibid.70-1] Mais precisamente, a representação somente seria reconhecida *a posteriori* como sexual. Enquanto isso, nas palavras de Freud: “[o eu] *permitiu um processo primário porque não o esperava.*” [ibid.] Tais processos primários póstumos, relacionar-se-iam à especificidade do desenvolvimento sexual, *viz.* ao atraso da puberdade. [ibid.,p.71]

A concepção de 'eu' presente no *Projeto* pode ser resumida pela seguinte série de tópicos: 1.separação flagrante entre eu e ψ , sendo o segundo mais vasto, abrangendo o primeiro; 2.distinção entre eu (parte de ψ) e ω , portanto, entre eu e consciência; 3.condicionamento biológico da origem do eu, através da mudança de primado do fictício princípio da inércia para o do princípio da constância, imposta pela necessidade da vida, isto é, pela necessidade de eliminação das quantidades endógenas; 4.condição da função secundária; 5.defesa contra o curso primário; 6.isolamento de representações hostis, provenientes das vivências de dor, pela ocupação lateral; 7.base do mecanismo de atenção, que visa evitar a geração de desprazer; 8.sua desocupação parcial, restringindo o mecanismo de atenção, representa condição *sine qua non* do sono. Finalmente, cabe a advertência contra a assimilação equivocada deste 'eu' do *Projeto* a uma instância autônoma, dotada de vontade própria e de ascendência sobre o conjunto do psiquismo.⁷²

2. inconciliabilidade

Sem embargo, contrasta com a concepção de eu bastante sofisticada do *Projeto*, o fato de não encontrarmos nos textos da época (intervalo compreendido entre 1893 e 1897) o mesmo grau de elaboração

⁷² Nesse sentido, justifica Gabbi Jr.: a forma de construção que coloca o eu na posição de sujeito gramatical "(...) poderia dar a impressão de que o eu é uma espécie de homúnculo que comanda o

teórica da noção. Em linhas gerais, não parece incorreto afirmar que o termo 'eu' seja utilizado por Freud, nesse período, para designar com o senso comum, alternativamente, ora a consciência, ora o núcleo da personalidade. A própria idéia de defesa, que no *Projeto* tem a conotação de processo automático, independente de uma vontade consciente, vai sofrer oscilações em conformidade com as suposições acerca da identidade do eu. Na seqüência imediata, pretendemos indicar alguns dos principais pontos envolvidos na delimitação dos domínios deste eu, presentes nestes textos cruciais (notadamente os *Estudos sobre Histeria*, de 1895) que antecedem à primeira tópica, escritos ainda no contexto da teoria da sedução.

A tensão entre as concepções antagônicas de Breuer e Freud acerca da gênese do sintoma histérico perpassa a obra conjunta *Estudos sobre Histeria*: enquanto o primeiro concede precedência a um suposto estado hipnóide, o segundo coloca em relevo a intervenção de um hipotético mecanismo de defesa. A situação concebida por Breuer, inspirada pelo caso de Anna O., é relativamente simples, haveria, por assim dizer, uma espécie de fragmentação da personalidade, ou seja, dois estados de consciência - um normal e outro patológico - cujo ritmo de alternância ditaria a evolução da

aparelho psíquico." [Gabbi Jr., 1995, n.364, p.193] De resto, não parece ocioso afirmar, o mecanicismo do *Projeto* exclui por completo essa possibilidade.

enfermidade. [Freud,II,p.69] No entanto, esta divisão histórica da psique figurada por Breuer não seria completa, pois como ele mesmo constatou a respeito de sua famosa paciente, além da intrusão do segundo estado no primeiro, fator desencadeante das crises, o contrário via de regra também sucedia: “(...) em algum canto de seu cérebro assentava-se um observador agudo e calmo que contemplava os loucos desvarios, incluindo seus piores estados (...)” [ibid.,p.70] Aliás, de alguma forma, o método terapêutico preconizado na época tendia a valer-se desta característica.⁷³ Freud, a seu turno, fundamenta as duas teorias da histeria que se sucedem na idéia de defesa: em ambas a repressão decorreria em suma da sensação de desprazer, da inconciliabilidade [Unverträglichkeit] da idéia em questão com a massa de representações dominante no eu.⁷⁴ [ibid.,p.133] A diferença é que enquanto na primeira a repressão é pensada como exclusão deliberada do processo associativo, na segunda ela possui caráter inconsciente.

Em dois textos de 1894, *As neuropsicoses de defesa e Obsessões e Fobias*, Freud já apresenta como principal tarefa do eu a defesa contra idéias inconciliáveis que no caso ideal (entretanto, não factível)

⁷³ Para vencer a resistência do paciente, no contexto da teoria da defesa de Freud, o médico precisa dar voz a essa testemunha discreta e relutante.

⁷⁴ É preciso destacar o caráter moral da inconciliabilidade, não se trata de nenhuma incompatibilidade lógica de articulação. Assim, do ponto de vista de uma censura, consciente ou inconsciente, inconciliável equivaleria a indesejável.

equivalaria a tratar a representação indesejável como “*non arrivée*”. [Freud, III,p.50] É preciso ressaltar que a concepção de defesa [Abwehr] desempenhada pelo eu, segundo nosso autor, muda de processo consciente para processo inconsciente. [ibid.,p.80] Além da repressão, defesa histórica por excelência, outros mecanismos de atenuação da intensidade da representação foram reconhecidos por Freud, como o deslocamento do afeto, importante nas obsessões [ibid.,p.55], ou, aquele, mais radical, em que o eu rejeita [verwerfen] a representação insuportável junto com seu afeto, processo eficaz, mas que culmina todavia na psicose. [ibid.,p.59]

Retornando a *Estudos sobre Histeria*, notadamente às histórias clínicas que compõem a segunda parte do livro, verificamos que o termo ‘eu’ aparece entre aspas no texto, como se representasse uma instância incumbida da deliberação sobre os procedimentos a serem utilizados, sob seu controle, de acordo com as circunstâncias, ou seja, faz as vezes de um censor poderoso. [Freud,II,p.138] O caso de Emmy von N. envolve a oposição de representações contrastantes, nos casos de Lucy R. e de Elisabeth von R. temos uma defesa consciente, no de Katharina e doravante, uma defesa inconsciente. Por outro lado, a consciência, da qual se impõe excluir as idéias inconciliáveis, não deixa de ser uma consciência do eu [ibid.], havendo, por

assim dizer, uma problemática identidade entre aquele que exerce a censura e aquele que sofre seus efeitos.

No capítulo IV, intitulado *Sobre a Psicoterapia da Histeria*, encontramos a expressão que se tornaria célebre a partir da década de 20, 'avassalamento do eu', [ibid.,p.270] utilizada com o propósito de indicar o poder da enfermidade de, através de seus sintomas, sobrepujar o eu, alijando-o do controle da vida psíquica. Paradoxalmente, esse mesmo eu que por meio de sua força de repulsão, motor da defesa (repressão), consegue afastar a representação inconciliável, termina dominado pela necessidade de impedir a todo custo sua recordação, isto é, de sustentar a ativa *resistência de associação*. [ibid.,p.276] Freud não resolve, portanto, o problema da autonomia desse eu, posto que afirma ser o não saber histérico, na verdade, um não querer, muito embora, *mais ou menos consciente*. [ibid.] Como vimos, opera-se a passagem teórica do 'não querer' ao 'não poder'. Cabe ressaltar, contudo, que apesar de, nesse contexto, se falar do 'eu' como se fosse uma pessoa, ele é pensado como sistema. Um pouco adiante, ele aponta a insuficiência da analogia do material patogênico com um corpo estranho (condizente com a concepção de Breuer), sugerindo sua substituição pelo símile da infiltração para enfatizar a imbricação entre os estratos normais e patogênicos na esfera psíquica, sendo os limites entre ambos imprecisos. Não

se exclui nem mesmo a possibilidade de que exista uma espécie de território comum ao eu e à organização patogênica.⁷⁵ [ibid.,p.295-6] Essa reformulação (explicada pela noção de defesa primária do *Projeto*) justifica plenamente o abandono do método da hipnose. Destarte, constituem obstáculos à tarefa da análise (descobrir e introduzir no eu nexos patológicos [ibid.,p.303]) a resistência a vencer [ibid.,p.276], a limitação do eu-consciência [Ich-Bewußtsein] [ibid.,p.296] de ocupar-se de uma única recordação de cada vez e a dificuldade em traçar a fronteira entre o normal e o patológico.

Além do *Projeto*, a correspondência Freud-Fliess inclui diversos outros manuscritos freudianos (mais breves) que de certo modo iluminam a elaboração conceitual do período compreendido. No caso presente, estudo da relação do eu com a defesa contra representações incompatíveis, guardam interesse particular algumas passagens extraídas dos manuscritos H (1895), K (1896) e N (1897). Freud continua preocupado em discernir o comportamento da defesa em diferentes enfermidades psíquicas a ponto de preparar um quadro sinóptico (manuscrito H), confrontando as modalidades patológicas (histeria, representação obsessiva, confusão alucinatória e paranóia) com o destino do afeto e da representação, a presença de alucinação (amistosa/hostil

⁷⁵ Em poucas palavras, diríamos que o eu passa da posição de aliado confiável do médico à de cúmplice potencial do sintoma.

para eu/defesa) e o resultado final. [Freud,I,p.251-2] Embora a defesa, como vimos, ocorra no eu, as situações em que alucinações ocorrem evidenciam, nos termos de seus conteúdos, a possibilidade de uma disjunção entre o eu e a defesa, que inclusive define o grau de êxito do mecanismo empregado em cada caso. Assim, contaríamos com as seguintes alternativas: 1.confusão alucinatória: alucinações amistosas para o eu e para a defesa; 2.paranóia: alucinações hostis ao eu e amistosas para a defesa; 3.psicose histérica: alucinações hostis ao eu a à defesa. [ibid.,p.252] Não parece demasiado supor, com Freud, um ganho decrescente, no impedimento da irrupção da angústia, neste mesmo sentido.

O manuscrito K, insólito conto natalino, trata da espinhosa questão da etiologia diferencial das neuroses, sendo que alguns de seus pontos merecem destaque dentro de nossos objetivos. Em primeiro lugar, Freud considera as diferentes neuroses aberrações de afetos normais (cada uma teria seu protótipo, o da histeria, por exemplo, seria o conflito) cujo traço distintivo comum seria o dano permanente do eu. [ibid.,p.260] O problema aqui decorre do efeito retardado de liberação de desprazer a partir de uma recordação (de natureza sexual), isto é, da incapacidade do eu de neutralizar a tempo determinadas marcas mnêmicas relativas a vivências sexuais

prematuras e traumáticas.⁷⁶ [ibid.,p.262] Um desenlace possível, após o retorno do reprimido, seria o supracitado avassalamento do eu, curiosamente, início da histeria e término da paranóia (*delírio de assimilação*). [ibid.,p.267-8] Encontramos ainda menção ao esforço do eu consciente para evitar seu avassalamento pelas representações obsessivas, combatendo-as com ajuda de representações antagônicas, de ordem lógica. [ibid.,p.264-5] Digno de nota também é o fato de, no manuscrito N⁷⁷, Freud identificar eu e consciência (Cc). [ibid.,p.297] Finalmente, no artigo de 1896, *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*, Freud determina, desta feita sem ambigüidade, o caráter inconsciente do mecanismo psíquico da defesa [Freud,III,p.163], pressuposto desde o caso Katharina.

3. versão tópica da censura

Esta súmula da posição freudiana nos derradeiros anos do século passado deve servir de pano de fundo para a análise, a ser empreendida a partir do parágrafo subsequente, da concepção tópica *sui generis* introduzida pelo fértil capítulo VII (*Sobre a psicologia dos processos oníricos*) da *Interpretação dos Sonhos*, retrospectivamente batizada como primeira tópica. Embora o fundamento explicativo da teoria desloque-se nesse instante para a

⁷⁶ Essa idéia já havia sido desenvolvida no *Projeto*, a possibilidade de reconhecimento *a posteriori*, por sua vez, caracterizaria a sensação sexual.

dinâmica relação entre os diferentes sistemas (*Icc, Prec e Cc*), nem por isso a oposição entre o eu e o material reprimido é abandonada, apenas Freud prefere não utilizá-la para esclarecer o mecanismo de formação de sonhos, posto que sua intelecção provém dos processos das psiconeuroses. [Freud, V,p.550] Talvez a principal consequência desta figuração tópica, dentro do escopo do presente estudo, seja a postulação de uma complexa censura (cujo estatuto será discutido), reguladora do intercâmbio entre os sistemas.

A censura psíquica (ou endopsíquica) postulada por Freud tem como modelo, conforme reiteradas menções espalhadas ao longo de sua obra, a censura da imprensa, cujo grau de sutileza pode variar bastante: desde a simples supressão de trechos inteiros com as lacunas resultantes, ou a ocultação do material vetado mediante a óbvia aposição de riscos negros, até discretas alterações de conteúdo, na tentativa de mascarar seu procedimento. [Freud,V,p.523] No caso, Freud caracteriza o processo da censura como sendo um embate entre duas inteligências que conhecem bem os ardis do adversário: de um lado, ‘o poder psíquico que reina como censura’ [Freud, IV,p.191], sempre atento, capaz tanto de provocar restrições e omissões como de intercalar e acrescentar material, de outro, as excitações

⁷⁷ No qual as notórias abreviações, que desde então passaram a designar os sistemas psíquicos, aparecem pela primeira vez.

inconscientes [Freud,V,p.486], à espera de uma atenuação da censura⁷⁸, buscando enlace com representações as mais inocentes e insuspeitas, a fim de burlar sua vigilância, conquistando assim acesso à consciência. [Freud,IV, p.246]

A figuração tópica do aparelho psíquico, com a correlata divisão em localidades situadas em seu interior, domina a elaboração freudiana original na *Interpretação dos Sonhos*, deixando marcas indeléveis no vocabulário utilizado para descrever os processos que envolvem o comércio entre as instâncias, tendo, porém, sido retificada mais tarde, quando a representação dinâmica passa ao primeiro plano. [Freud,V,p.598] Como consequência natural daquele modo de figuração, temos a suposição de que a fronteira constitui o *locus* por excelência da censura. [ibid., p.602, 605 e 658] Não por acaso, a analogia com a imprensa toma como exemplo o destino dos periódicos estrangeiros nas mãos da censura russa de fronteira. [ibid.,p.523] Embora o próprio Freud advirta contra a tentação de personalizar a ação das instâncias [ibid.,p.658], a censura, ao invés de consistir em uma instância à parte, corresponderia à complexa ação de uma instância sobre a outra [Freud, IV,p.314], em que pese a autoridade incontestada exercida por uma delas.

⁷⁸ Como acontece, por exemplo, durante o sono: “O estado de dormir possibilita a formação do sonho na medida em que rebaixa a censura endopsíquica.” [ibid.,p.520]

[ibid.,p.162] Saudada como a guardiã de nossa saúde mental, a censura entre os sistemas Icc e Prcc possui a incumbência de impedir que os desejos inconscientes ganhem a consciência e tomem de assalto o controle da motilidade (como sói acontecer na psicose). [Freud,V,p.559] O Prcc, entretanto, não é apenas uma tela interposta entre Icc e Cc, englobando o inconsciente suscetível de consciência, isto é, o inconsciente apenas no sentido descritivo [ibid.,p.602]. Desta forma, haveria também uma censura, por assim dizer, em moldes similares, agindo entre Prcc e Cc. [ibid.,p.605] Mais tarde, em *O Inconsciente* (1915), encontramos a suposição genérica⁷⁹ de que a cada progresso em direção a uma etapa mais alta de organização psíquica (transcrição), corresponde uma nova censura. [Freud,XIV,p.188] Enquanto a primeira censura funcionaria contra o próprio Icc, a segunda bloquearia seus retornos prcc. [ibid.,p.190]

Freud procura caracterizar a censura como efeito de uma tendência econômica vigente no domínio psíquico (evitar o desenvolvimento de angústia ou de outras formas de afeto penoso. [Freud,IV,p.275]), ao invés de conferir à mesma qualquer autonomia, enquanto instância específica. Assim, o símile óptico das lentes de um telescópio com os sistemas psíquicos

⁷⁹ Presente já na carta de 06/12/1896 a Fliess, que introduz as idéias correlatas da estratificação psíquica e da multiplicidade dos sistemas de memória. [Freud,I,p.275-6]

parece ser o mais apropriado, pois permite figurar a censura nos moldes do fenômeno físico da refração. [Freud,V,p.599] Entretanto, ele negligencia pelo menos dois aspectos fundamentais da teoria freudiana: o abandono ulterior da idéia de transcrição e a impressão de uma teleologia.

O desafio enfrentado por Freud é, de certa forma, conciliar entre si os dois atributos que distinguem a psicanálise da psicologia descritiva da consciência, a saber, a concepção dinâmica dos processos anímicos e a tópica psíquica. [Freud,XIV,p.169] Com a suposição de que cada ato psíquico desdobra-se em duas fases (inconsciente a princípio, passível de consciência depois) [ibid.], o tornar-se consciente deixa de ser um mero ato de percepção (interna), para depender de uma sobreocupação [Überbesetzung] [ibid., p.190], através do enlace com representações de palavra. [ibid.,p.198]

Por outro lado, a despeito das suas advertências contra o antropomorfismo e a representação espacial (localizadora) da censura, em favor do entendimento em termos de uma relação dinâmica [Freud,XV, p.129], Freud insiste em empregar analogias dessas espécies. O texto das *Conferências Introdutórias* (1915-17), por exemplo, ilumina com muita propriedade este ponto, pois encontramos: 1.ª figuração da censura como um guardião situado no umbral entre dois espaços, cuja eficácia seria função do grau variável de diligência (maior na vigília, menor durante o sono) e da

precocidade da identificação do elemento intruso [Freud,XVI,p.270]; 2.a comparação com a determinada vigilância de fronteira, que no encaço de espiões e contrabandistas, além das medidas de controle de praxe, empreende sua busca do material banido inclusive nos recônditos mais inesperados. [Freud,XV,p.214]

Notabilizado como início da remodelação da teoria pulsional freudiana, por desfazer a dualidade, então suposta, entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação, o artigo *Introdução ao Narcisismo* (1914) marca também o retorno à cena, após um período de relativo ostracismo, da noção de 'eu', que reaparece, dessa vez, articulada com a noção de 'censura'. Uma vez mais Freud tenta 'diluir' a censura no plasma psíquico, evitando assim atribuir-lhe o *status* de poder particular. Em linhas gerais, na qualidade de processo que ocorre no eu ela não seria mais que uma expressão parcial das tendências repressoras que o governam. [Freud,XIV,p.93] Partindo do delírio de observação dos paranóicos, Freud supõe como regra a existência de uma instância encarregada na vida cotidiana da observação de si e da exploração dita interior. Além disso, a mesma faria rotineiramente a comparação do eu atual com o padrão preestabelecido, ou seja, o *ideal do eu*. [ibid.,p.92] Ao

identificar tal instância à *consciência moral*⁸⁰, Freud sugere também uma estreita ligação com a vida onírica: “*Se nos inteiramos da estrutura do eu, podemos individualizar também o censor do sonho no ideal do eu e nas exteriorizações dinâmicas da consciência moral.*” [ibid.,p.94] Em outras palavras, a medida do conhecimento consciente [bewust] das representações seria dada pela intervenção da consciência moral [Gewissen].

A idéia de narcisismo prepara, por assim dizer, o terreno para que o eu possa, de alguma forma, tomar a si mesmo como objeto de consideração. Na verdade, dada a estrutura suposta por Freud, a instância observadora exerceria uma vigilância incessante, sempre disposta a elaborar uma espécie de autocrítica. Suas incursões poderiam invadir mesmo o conteúdo dos sonhos, através de comentários do tipo ‘*agora está por demais adormecido para pensar*’ ou ‘*desperte agora*’. [Freud,XIV,p.94] Em uma nota na mesma página, Freud pergunta-se (especulativamente) sobre a possibilidade da divisão filosófica entre consciência e autoconsciência encontrar fundamento psicológico na separação da instância censora do restante do eu. [ibid.] No entanto, em termos psicanalíticos, tal divisão filosófica não é relevante, a que realmente vai importar, na cisão do eu

⁸⁰ A idéia de ‘consciência moral’, presente desde os escritos iniciais (como atestam, por exemplo, a referência à ‘*má consciência opressiva*’ de Emma no *Projeto* [Freud,1995,p.66] e a interpretação

[Ichspaltung], será aquela divisão entre o passível de consciência e o inconsciente inacessível, no interior do eu da segunda tópica. O interesse freudiano parece recair sobre a delimitação do ‘império’ do eu, isto é, o estabelecimento de sua força e, sobretudo, de sua debilidade. Neste sentido, o caso do compromisso implicado pelo sonho afigura-se deveras ilustrativo: de um lado, existe o desejo do eu de dormir, de completa desocupação, de outro, as moções inconscientes, que desobedecendo o eu, insistem em ganhar consciência. Nesse jogo de forças, as seguintes situações seriam possíveis: 1. sucesso do eu (sono sem perturbação - narcisismo absoluto), 2. solução de compromisso (sono com sonho, com grau variável de labilidade) e 3. êxito das moções inconscientes (o eu desiste de dormir porque teme seus sonhos). [ibid.,p.224]

4. instâncias psíquicas

A análise das afecções narcísicas representaria o reinício de uma certa investigação freudiana, cujo propósito, desvelar “(...) *a composição de nosso eu e seu edifício de instâncias*” [Freud,XVI,p.389-90], seria alcançado anos depois, na virada da década, com o texto *O Eu e o Isso* (1923), objeto das considerações subseqüentes. Em primeiro lugar, Freud reforça sua

freudiana de Hamlet contida na carta a Fliess de 15/10/1897 [Freud,I,p.307]) adquirem progressivamente maior relevo na teoria freudiana a ponto de engendrar a postulação do supereu.

disposição de adotar o reprimido como modelo do inconsciente, através da célebre frase: “(...) *no sentido descritivo há duas classes de inconsciente, mas no dinâmico somente uma.*” [Freud,XIX,p.17] Logo a seguir, caracteriza o eu como a *organização coerente dos processos anímicos em uma pessoa* [ibid.,p.18], intimamente relacionada com a consciência (perceptual e cognitiva) e com a repressão. De um lado, tanto essa consciência como o acesso à motilidade (fundamentais no contato com o mundo exterior) dependeriam deste eu graças à sua peculiar posição na nova figuração gráfica do aparelho psíquico apresentada por Freud. [ibid.,p.26] De outro, a polaridade *consciente-inconsciente* seria substituída por outra, *eu coerente-parte reprimida (cindido dele)*, onde a iniciativa da repressão procederia justamente desse eu. De alguma forma, parece retornar o vocabulário (de fato, nunca abandonado) da inconciliabilidade dos *Estudos sobre Histeria*.

A concepção tripartite da psique elaborada nessa obra introduz numerosas complicações no que diz respeito tanto à delimitação como ao relacionamento das instâncias entre si.⁸¹ Na explicação genética formulada por Freud, haveria, por assim dizer, um processo de diferenciação desenvolvido em etapas: o *eu* proviria do *isso* (reservatório pulsional),

⁸¹ Observe-se que não apenas a estabilidade da estrutura psíquica é pressuposta, mas também a estabilidade de sua articulação com a história de vida.

correspondendo à parte alterada pela influência do mundo exterior [ibid., p.27], enquanto o *supereu*, como o próprio nome sugere, decorreria de uma divisão no interior do eu, com a ressalva de que seu vínculo com a consciência (cognitiva) seria ainda mais frouxo.⁸² [ibid.,p.30] O isso, parte mais antiga (primitiva), estaria condicionado pela estrutura biológica dada, sendo inconsciente por natureza. Já o eu, nos termos da primeira tópica, partiria do sistema P-Cc, abarcando o sistema Prcc e uma pequena parcela do Icc. [ibid.,p.25] Freud procura elucidar a relação entre ambas as instâncias com o recurso da seguinte analogia, o eu estaria para o ginete assim como o isso estaria para o cavalo, isto é, o eu teria a precípua função de dirigir (conforme certos fins preestabelecidos) uma força alheia muito superior à sua, capaz de, ocasionalmente, subjugar-lo. [ibid.,p.27]

Na diferenciação do eu a partir do isso, o próprio corpo também desempenha um papel determinante, enquanto fonte de percepções externas e internas, posto que sua representação provém das notícias orgânicas que alcançam consciência (trata-se, no caso, da consciência perceptual). [ibid.] Neste sentido, para ressaltar a essência corporal desse eu consciente, Freud

⁸² Tal figuração aponta para o intrincado problema da cisão entre consciência cognitiva e consciência moral: esta última, moldada pelos influxos do passado, seria responsável pela falta de transparência da vida anímica. A assimetria apontada acima recebe tratamento na segunda tópica, onde o antigo sistema consciência converte-se em mera função do eu (construído em camadas), enquanto a consciência moral adquire o *status* de instância semi-autônoma, diferenciada a partir do eu.

chega mesmo a compará-lo ao 'homúnculo encefálico' dos anatomistas. [ibid.,p.27-9] Não se trata, contudo, de assimilar o eu a uma espécie de sede privilegiada da vida anímica, nem tampouco de identificá-lo como o pequeno ser racional que habitaria a larga esfera da interioridade, embora tais asserções, no contexto da metapsicologia freudiana, não sejam de todo imprecisas.

A tarefa de mediação entre o isso e o mundo, exercida pelo frontereiro eu, torna-se ainda mais complexa com o advento do supereu (ideal do eu), legítimo herdeiro do complexo de Édipo [ibid.,p.37], estreitamente vinculado também com a denominada herança filogenética. [ibid.,p.38] Assim, enquanto o eu representa a realidade exterior, o supereu, a seu turno, advoga em proveito das causas do mundo interior (do isso), com a seguinte consequência: *“Conflitos entre o eu e o ideal espelharão, refletirão, em última análise, a oposição entre o real e o psíquico, o mundo exterior e o mundo interior.”* [ibid.,p.37-8]

É interessante notar a posição singular desse eu, precisando conciliar exigências de instâncias cuja ascendência sobre o mesmo remonta, no primeiro caso, à caótica força pulsional, no segundo, ao conjunto de preceitos internalizados como sucedâneo da autoridade externa, contrapartida da longa dependência infantil. Em termos de autonomia de escolha, o eu é a única

instância que pode ser dita moral, ou melhor, que aspira ser moral, pois enquanto o isso é incapaz de consumir uma vontade unitária [ibid.,p.59], o supereu, por sua vez, sustenta uma hipermoralidade via de regra tirânica. [ibid.,p.54] De todo modo, para caracterizar o poder desse eu com respeito à ação, mais formal que fático, Freud recorre a uma analogia com o monarca constitucional, cuja sanção é sempre necessária, porém, com poder de veto apenas relativo. [ibid.,p.56] Entretanto, a definição mais apropriada da frágil condição desse eu freudiano é a que o classifica de pobre coisa submetida a uma tripla servidão, sofrendo por isso ameaças de três classes de perigo, a saber, mundo exterior, libido do isso e severidade do supereu. [ibid.] De acordo com o objetivo do presente estudo, cumpre destacar, não obstante a tentativa freudiana de esvaziar o significado da noção de 'eu' (impedindo eu e sujeito de coincidir), o fato de continuar indispensável a suposição de uma instância mediadora. Escritos tardios de Freud ratificam essa constatação.

Os dois textos da década de 30 que sintetizam a concepção freudiana relativa ao eu, a *Conferência Introdutória 31 - A Decomposição da Personalidade Psíquica* (1932) e o incompleto *Esquema de Psicanálise* (1938) basicamente não introduzem qualquer modificação substancial na teoria, limitando-se, no máximo, a tentar apurar a exposição da doutrina. O primeiro ponto digno de nota na *Conferência 31* parece ser a concessão

freudiana de permitir a identificação da instância repressora com o eu da psicologia popular. [Freud,XXII,p.53] De algum modo, Freud pretende salientar o caráter acentuadamente especulativo de sua psicologia do eu, na medida em que para recompor o normal baseiar-se-ia naquilo que na patologia se encontra cindido.⁸³ [ibid.,p.54] As três instâncias supostas na segunda tópica, ou seja, 'isso', 'eu' e 'supereu', são caracterizadas como constituindo os reinos, âmbitos ou províncias em que o aparato anímico se decompõe e mantêm relações recíprocas. [ibid.,p.67] Freud evita postular uma delimitação rigorosa, sugerindo, ao invés, por intermédio de uma analogia (distribuição da população de um país imaginário, onde em cada sítio topográfico haveria uma certa concentração étnica predominante), um acerto apenas no atacado. [ibid.,p.67-8]

Freud contrapõe o caos imperante no isso (caldeira cheia de excitações borbulhantes, onde o fator quantitativo governa absoluto) [ibid., p.68] à tendência vigente no eu de síntese dos processos anímicos [ibid., p.71], recorrendo novamente às analogias do ginete/cavalo e do servo de três amos, cujas exigências seriam, amiúde, incompatíveis entre si. [ibid.,p.72] Além disso, Freud resume os ardis utilizados pelo eu em sua penosa tarefa de

⁸³ Estamos às voltas com a antiga premissa freudiana de que a patologia tem a propriedade de amplificar, de tornar visível.

agradar simultaneamente a todos, exibindo ainda uma nova figuração gráfica, com a sobreposição de ambas as tópicas. [ibid.,72-3] Por fim, sabendo ser preciso fazer convergir aquilo que foi previamente separado, Freud conclui o texto com uma advertência (retórica?) acerca da precariedade de sua construção. [ibid.,p.74]

No *Esquema de Psicanálise*, encontramos algumas observações interessantes, como, por exemplo, a que aponta a raiz temporal do conflito psíquico: tanto o isso como o supereu representariam influxos do passado (biológico e cultural, respectivamente), enquanto o eu, que não pode ignorar o poder atual do mundo exterior, seria comandado pela experiência (acidental). [Freud,XXIII,p.145 e p.208] Tal vassalagem do eu diante do mundo exterior equivaleria, segundo Freud, a um autêntico selo de origem (algo como *Made in Germany*). [ibid.,p.200] Se por um lado é correto afirmar que o eu aspira ao prazer (pretendendo evitar o desprazer), por outro, é preciso salientar que, à dessemelhança do isso (onde vigora o império do princípio do prazer, da exigência de satisfação pulsional instantânea), ele o faz, primando, sobretudo, pela segurança. [ibid.,p.199-201]

5. liberdade e má-fé

Ora, a ênfase concedida à sujeição do eu encobre, porém, um outro aspecto fundamental da concepção freudiana, *viz.* a possibilidade desse

eu mediador vir a conquistar certo grau de autonomia em face das exigências das outras instâncias, deixando de ser pura e simplesmente compelido à ação. Aliás, o tratamento psicanalítico visaria precisamente atingir esse estado de domínio do eu. Todavia, ressalta Tugendhat, em Freud, a operação dessa passagem permanece um tanto quanto misteriosa. [Tugendhat,1993,p.15] Em todo caso, a questão filosófica da liberdade do sujeito, subestimada por Freud em virtude de sua crença no determinismo⁸⁴, parece ser curiosamente rebatida para o plano dos componentes da psique. Logo, para a psicanálise (psicologia formulada em terceira pessoa), “*o problema da liberdade fica coisificado.*” [ibid.,p.16] Este tom é compartilhado pela crítica de Sartre a Freud.

O problema colocado em *L'être et le néant* diz respeito a uma atitude essencial da realidade humana, a má-fé (*mauvaise foi*), em que a consciência ao invés de orientar sua negação para fora, o faz na direção de si mesma. [Sartre,1943,p.82] Longe de poder ser assimilada à mentira comum ou à falsidade cínica, situações em que a verdade íntima não está em jogo, a má-fé, enquanto mentira a si próprio, desfazendo a dualidade do enganador e do enganado, implica a unidade de *uma* consciência. [ibid.,p.82-3] Nos

⁸⁴ Talvez a principal consequência da retirada de cena do determinismo no plano da consciência, assinala Sartre, seja o fato de fazer a liberdade repousar sobre a ineficácia dos motivos, não *na* consciência, mas *para* a consciência. [Sartre,1943,p.69] Assim, entre o motivo e o ato, insinuar-se-ia um *nada*, condição igualmente da liberdade e da má-fé, impedindo a consciência de coincidir consigo mesma, separando radicalmente os domínios do *para-si* (a consciência) e do *em-si* (o mundo das coisas). [ibid.]

termos do autor: “*Si la mauvaise foi est possible, c’est qu’elle est la menace immédiate et permanente de tout projet de l’être humain, c’est que la conscience recèle en son être un risque permanent de mauvaise foi.*” [ibid., p.106] Nesse sentido, sua pretensão consiste em averiguar em que medida a interpretação psicanalítica, formulada com o recurso da noção de ‘inconsciente’, permitiria afastar a ameaça representada pela (inelutável?) má-fé.

Segundo o filósofo francês, a psicanálise, através da dissolução do sujeito na multiplicidade de instâncias psíquicas, substituiria a noção de ‘má-fé’ pela idéia de ‘mentira sem mentiroso’. [ibid.,p.86] Assim, visto que o processo ocorreria entre as instâncias (‘isso’ e ‘eu’), ao invés de mentir a mim mesmo, eu simplesmente ‘sofreria’ a mentira; a dualidade, portanto, seria restaurada no plano mais profundo da subjetividade. [ibid.]

No entanto, Sartre desconfia da solução psicanalítica, tendendo a considerá-la verbal, posto que a repressão, entendida por ele como processo intencional de escolha (e não como um jogo de forças cegas), pressuporia uma instância decisória, para tanto, capaz de *representar*. A crítica sartriana, por conseguinte, incide sobre a noção freudiana de ‘censura’. [ibid.,p.87] Pouco importa nesse contexto a diferente localização dessa censura nas duas tópicas, o ponto essencial é que, conforme enfatizamos no decorrer do

capítulo, Freud jamais abandona as idéias correlatas de fronteira e de mediação em sua figuração da interioridade psíquica. Como todo saber não é outra coisa que consciência de saber, Sartre pergunta-se acerca da natureza da consciência de si dessa censura (isto é, da consciência de sua tendência de reprimir): precisamente por não ser consciente, a censura deve ser de má-fé. [ibid.] De fato, o que está em questão nessa crítica é a convicção sartriana de que o sujeito unitário, banido com alarde por Freud, na verdade teria encontrado um refúgio ideal na censura. Como nenhuma explicação mecânica daria conta de uma tendência que afeta a si mesma, o disfarce implicaria o recurso (ainda que velado) a uma finalidade. [ibid.,p.88] *“Pour avoir rejeté l’unité consciente du psychique, Freud est obligé de sous-entendre partout une unité magique reliant les phénomènes à distance et par-delà les obstacles, comme la participation primitive unit la personne envoûtée et la figurine de cire façonnée à son image.”* [ibid.] Em suma, poder-se-ia dizer com Sartre, que a má-fé, na teoria freudiana, foi hipostasiada ou ‘coisificada’, mas de forma alguma evitada. [ibid.]

O filósofo existencialista, preocupado em esclarecer a questão da liberdade (autonomia e responsabilidade), denuncia a psicologia empírica, entre outras coisas, pelo fato desta definir o homem pelos seus desejos (entendidos nesse contexto como pequenas entidades que habitariam a

consciência), incorrendo portanto na típica ilusão substancialista. [ibid., p.603] Aliás, anteriormente, tanto a representação como a volição já haviam sido rechaçados pelo autor, tidos como meros *ídolos* inventados pelos psicólogos. [ibid.,p.160] Neste sentido, o projeto de psicanálise existencial esboçado no livro, pretendendo lidar com o complexo problema da autodeterminação do ser humano, rejeita, de um lado, a idéia de uma causação mecânica (externa) dos atos anímicos, de outro, toda e qualquer interpretação geral do simbolismo. [ibid.,p.619] Interessa mormente a Sartre descrever a situação humana em termos de uma *escolha*, isto é, de uma determinação livre e consciente, não em função da primazia de um *estado* mental (consciente ou inconsciente) a ser descoberto. [ibid.,p.620]

Do mesmo modo, através de uma análise da assimetria radical constatável entre proposições formuladas em primeira e em terceira pessoa, Tugendhat explora o problema filosófico representado pela ora familiar expressão 'o eu' em duas vertentes, a saber, a da autoconsciência e a da autodeterminação. [Tugendhat,1992,p.9] Inclusive, a própria pertinência dessa expressão é questionada neste artigo, no sentido de averiguar se existe de fato algo a que ela corresponde (referente). [ibid.] Uma vez desfeito o equívoco resultante de uma interpretação substantivista do *cogito* cartesiano e até mesmo de sua crítica, a recusa de uma substância imaterial nas tradições

empirista e idealista (no último caso, com a postulação substitutiva de um puro eu, obtido via reflexão) [ibid.,p.14], Tugendhat encaminha a discussão sobre a autodeterminação partindo da colocação da pergunta prática, ou seja, aquela que implica deliberação (consciência moral), não certeza teórica (consciência cognitiva). [ibid.,p.19]

Insistindo na diferença entre as afirmações ‘depende de mim’ e ‘depende do eu’, Tugendhat procura evitar também a reificação da vontade. [ibid.,p.21] Assim, quando dizemos que depende de mim, isto significa que depende, não de algo em mim, mas de que eu queira ou não, da minha vontade enquanto pessoa. [ibid.] Por outro lado, a vontade não constitui a única condição da liberdade (no sentido de responsabilidade) para o autor, sendo necessária, outrossim, a deliberação, que pressupõe a seu turno uma certa competência lingüística para a expressão da vontade. [ibid.,p.21-2] Em senso estrito, a responsabilidade dependeria da pessoa, conseguindo superar suas inclinações e compulsões normativas, colocar-se a pergunta prática no sentido fundamental (ético): “*Como é que eu quero viver? Que tipo de pessoa quero ser?*” [ibid.,p.23] Entretanto, a articulação entre deliberação e autonomia não se afigura tão simples na medida em que envolve a noção de racionalidade, como bem ilustra a controvérsia acerca da possibilidade de atos acráticos (situação em que o sujeito age contra seu melhor juízo). Na

trilha da sugestão de Gabbi Jr. de pensar a teoria freudiana como uma teoria sobre os atos irracionais do homem [Gabbi Jr.,1994,p.xv], apresentamos sucintamente na seqüência as bases do problema estabelecidas pelo filósofo contemporâneo Donald Davidson.

Em seu artigo *Paradoxes of irrationality* (1982), Davidson, analisando a idéia de uma ação irracional, procura investigar a possibilidade de uma 'falha dentro da casa da razão', em oposição à de que algo meramente situe-se fora de seu âmbito. [Davidson,1982,p.289] A proposta do autor é estabelecer algumas condições que permitam a refutação tanto do *Plato Principle* (que nega a existência dos atos acráticos, atribuindo uma importância decisiva à ignorância), como do *Medea Principle* (que, apelando a uma força alheia, recusa seu caráter intencional). [ibid.,p.294-5] Da mesma forma, Davidson almeja contestar a suposta incompatibilidade entre *reason explanations and causal explanations*, mostrando que crenças e desejos também podem ser causas. [ibid.,p.293]

As três condições utilizadas na argumentação de Davidson (partição da mente em instâncias semi-autônomas, intencionais, que mantêm entre si relações causais não lógicas) [ibid.,p.304], se por um lado, são perfeitamente compatíveis com os objetivos da doutrina metapsicológica, por outro, não estão comprometidas em absoluto com sua íntegra. Situam-se, por

assim dizer, abaixo dos pressupostos freudianos, dispensando, por exemplo, o controvertido recurso do inconsciente substantivo. Eis, em termos sinópticos, seu alcance: “(...) *these elements combine to provide the basis for a coherent way of describing and explaining important kinds of irrationality.*” [ibid.]

Todavia, mesmo admitindo o êxito deste modelo em figurar eventos intencionais (dentro de cada instância, segundo sua modalidade específica de organização) que funcionam como causa (em outra instância), preservando portanto tanto a racionalidade como o conflito, os dois componentes do ato acrático, ele não fornece elementos suficientes para explicar como ocorreria um processo decisório. Embora, ao contrário de Freud, não se recorra a um agente interno metafórico, uma constituição de segunda-ordem do agente continua sendo necessária pois, de outro modo, uma vez que o campo mental não constitui um sistema fechado, seria preciso postular um transcendente (algo que não pode ser descrito em termos mentais). [ibid.,p.301] No contexto da teoria psicanalítica, a pulsão (decantada e assaz incompreendida ‘mitologia’ freudiana [Freud,XXII,p.88]) surge como principal candidata a esse posto. Assim, teríamos, de acordo com a tendência dada pela irrupção das moções pulsionais inconsciente, a constituição dos circuitos de eliminação, no interior de um sistema determinístico fechado, onde as representações são sempre representações-

meta. Por outro lado, a aparência teleológica dessas ligações mecânicas faz supor a necessidade de um mediador anímico (condição da clínica psicanalítica); desse modo, parece razoável identificar uma determinada instância ('eu' ou 'censura') como sendo o agente racional, administrador dos interesses oblíquos do inconsciente.

Conclusão

A análise conceitual realizada neste estudo, em alguma medida, representa uma tentativa de explicitação da (denominada por Wittgenstein) originalidade de terreno freudiana. [Wittgenstein,1984,p.36] Neste sentido, procuramos expor o tratamento dispensado por Freud a questões clássicas da tradição filosófica, disfarçadas de questões psicanalíticas, não para apontar seu caráter aporético, mas sim para identificar eventuais pontos de tensão no seio de sua teoria. O fato de Freud recusar o debate filosófico, assumindo a posição de cientista comprometido com soluções empíricas, não invalida a perspectiva ora adotada, apenas concorre para revelar o âmago de sua disposição. Aliás, desconfiamos que essa atitude freudiana é responsável por uma parte dos problemas enfrentados pelo referido autor, obrigando-o por vezes a defender idéias brilhantes por meio de contorcionismos verbais.

Nossa expectativa é que o pano de fundo husserliano tenha proporcionado a chance de iluminar tanto as linhas de continuidade entre a tradição cartesiana das 'filosofias da consciência' e Freud, como, por contraste, o naturalismo de sua metapsicologia. Exploramos ainda algumas conseqüências da articulação freudiana, no plano da consciência, entre mecanicismo e mediação lingüística. Não custa repetir, em momento algum houve, por assim dizer, a confrontação entre projetos de natureza

completamente distinta. A psicologia fenomenológica é mencionada apenas com intuito de evidenciar a possibilidade de uma psicologia científica não naturalista, com método próprio, sem compromisso com o modelo canônico da ciência natural.

A presente tese gira em torno do incerto estatuto ontológico da representação mental na teoria freudiana. Não decidimos a questão, subsiste, no entanto, nossa esperança de termos indicado os contornos do problema. Observamos, de um lado, as inúmeras advertências de Freud acerca do caráter metafórico de suas construções espaciais, de outro a exigência de que tais 'metáforas' (incluindo a representação) se comportem, na economia teórica, como verdadeiras coisas extensas. Essa ambigüidade permearia toda a metapsicologia, limitando mesmo o alcance das reformulações conceituais promovidas, como aquelas relativas às noções de 'consciência' e 'eu'.

Por fim, registramos nossa marcante convicção de que a originalidade freudiana é inseparável dos problemas considerados, no fundo cremos que ela decorra deles. Nesse sentido, acreditamos que tentativas de depuração dos impasses da teoria, de dissolução das tensões apontadas, empreendidas pelo eclético grupo dos psicanalistas, comprometidos com a continuidade e a renovação da doutrina, estejam em certa medida condenadas a diminuir igualmente seu brilho e originalidade.

Bibliografia

Banzato, C.E.M. - *A Concepção Lingüística Freudiana* - dissertação de mestrado - IFCH - Unicamp - 1994.

Bell, D. - *Husserl* - London and New York: Routledge, 1991.

Boss, M. - *Psychoanalysis and Daseinsanalysis* (1963) - (translated by Ludwig B. Fefebre) - New York: Da Capo Press, 1982.

Bouveresse, J. - *Le mythe de l'intériorité* - Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.

Brentano, F. - *Psychologie du point de vue empirique* (1874) - (traduit par M. de Gandillac) - Paris: Aubier, 1944.

Cavell, M. - *The Psychoanalytic Mind - From Freud to Philosophy* - Cambridge (Massachusetts) and London: Harvard University Press, 1993.

Davidson, D. - *Paradoxes of irrationality in Philosophical essays on Freud* (edited by R. Wolheim and J. Hopkins) - Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

Delboeuf, J. - *Le sommeil et les rêves* - Paris: Ancienne Libraire Germer Bailliére et Cie., 1885.

Dilthey, W. - *Ideas concerning a descriptive and analytic psychology* (1894) in *Descriptive Psychology and Historical Understanding* (translated by R.M. Zaner and K.L. Heiges) - The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.

Ellenberger, H.F. - *The Discovery of the Unconscious - The History and Evolution of Dynamic Psychiatry* - New York: Basic Books, Inc., Publishers, 1970.

Faustino, S. - *Wittgenstein - O eu e sua gramática* - São Paulo: Editora Ática, 1995.

Freud, S. - *Sigmund Freud - Obras Completas (24 volumes)* - (tradução de J.L. Etcheverry) - Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. [Fonte das referências e citações freudianas, exceto quando especificado. Os algarismos romanos indicam o volume.]

_____ - *Studienausgabe* - Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1989. [Consultada durante a tradução dos trechos citados para o português.]

_____ - *Zur Auffassung der Aphasien* - Leipzig und Wien: Franz Deuticke, 1891.

_____ - *Projeto de uma Psicologia (1895)* - (tradução de Osmyr F. Gabbi Jr.) - Rio de Janeiro: Imago, 1995.

Gabbi Jr., O.F. - *Freud - Racionalidade, Sentido e Referência* - Campinas: CLE - UNICAMP, 1994.

_____ - *Notas críticas sobre Entwurf Einer Psychologie in Freud, S. Projeto de uma Psicologia* - Rio de Janeiro: Imago, 1995.

Giannotti, J.A. - *John Stuart Mill: O Psicologismo e a Fundamentação da Lógica* - Boletim nº 269 - Cadeira de Filosofia nº 5 - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - 1964.

Gilson, L. - *Méthode et Métaphysique selon Franz Brentano* - Paris: Vrin, 1955. (a)

_____ - *La Psychologie Descriptive selon Franz Brentano* - Paris: Vrin, 1955. (b)

Guttenplan, S. (editor) - *A Companion to the Philosophy of Mind* - Oxford: Blackwell, 1994.

Husserl, E. - *Recherches Logiques* (1900) (3 vol.) - (traduit par H. Elie, A.L. Kelkel et R. Scherer) - Collection Épiméthée - Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

_____ - *L'idée de la Phénoménologie* (1907) - (traduit par A. Lowit) - Collection Épiméthée - Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

_____ - *Philosophy as Rigorous Science in Phenomenology and the Crisis of Philosophy* (1911) - (translated by Q. Lauer) - New York, Evanston, and London: Harper & Row, Publishers, 1965.

_____ - *Ideas - General Introduction to Pure Phenomenology* (1913) - (translated by W.R. Boyce Gibson) - New York: Collier Books, 1962.

_____ - *Phenomenological Psychology - Lectures, Summer Semester; 1925* - (translated by J. Scanlon) - The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.

_____ - *Méditations Cartésiennes - Introduction à la Phénoménologie* (1929) - (traduit par G. Peiffer et M.E. Levinas) - Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1986.

_____ - *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale* (1954) - (traduit par G. Granel) - Paris, Gallimard, 1976.

Kant, I. - *The Critique of Pure Reason* (1781) - (translated by J.M.D. Meiklejohn) - Great Books of the Western World, vol. 42 - Chicago: Encyclopædia Britannica, Inc., 1980.

Lalande, A. - *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia* - (tradução de F.S. Correia, M.E.V. Aguiar, J.E. Torres e M.G. de Souza) - São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Moura, C.A.R. - *Crítica da Razão na Fenomenologia* - São Paulo: Nova Stella - EDUSP, 1989.

Nagel, T. - *What is it like to be a bat? in Mortal Questions* - Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

Prado Jr., B. - *A Imaginação: Fenomenologia e Filosofia Analítica* - Manuscrito (CLE/Unicamp), volume VI, número 1, 1982.

Ryle, G. - *The Concept of Mind* (1949) - Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1963.

Sartre, J.-P. - *L'imagination* (1936) - Quadrige - Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

_____ - *L'imaginaire* (1940) - Collection Folio/Essais - Paris: Gallimard, 1986.

_____ - *L'être et le néant* (1943) - Collection Tel - Paris: Gallimard, 1994.

Tugendhat, E. - *O Eu* - (tradução do original espanhol realizada por G.A. de Almeida) - *Analytica*, volume 1, número 1, 1993.

Wittgenstein, L. - *Zettel* - (edited by G.E.M. Anscombe and G.H. Wright) - (translated by G.E.M. Anscombe) - Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1975.

_____ - *Culture and Value* - (edited by G.H. von Wright) - (translation of *Vermischte Bemerkungen* by Peter Winch) - Chicago: The University of Chicago Press, 1984.